# LAMPIÃO da esquina

Ano 1 — nº 8 — Janeiro de 1979 — Cr$ 15,00

Leitura para maiores de 18 anos

## GAY - MACHO

(uma tragédia americana?)

## A ARTE
de despir os nus.

## MADUREIRA:
a doce vida do subúrbio

## LUTZEMBERGER:
'bacanal do esbanjamento'

## OS TRAPALHÕES,
quem diria. . .

## ÍNDIOS

eles eram puros, saudáveis e transavam numa boa aí chegou o homem branco e então . . .

## 'GAUCHO'
uma carta da prisão

**LAMPIAO**

*Conselho Editorial:* Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

*Coordenador de edição:* Aguinaldo Silva.

*Colaboradores:* Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Nica Bonfim, Zsu Zsu Vieira, Lúcia Rito, José Fernando Bastos, Regina Rito, Henrique Neiva, Leila Miccolis (Rio); José Pires Barroso Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Matoso, Celso Curi, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Beto Stodieck (Florianópolis); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Max Stolz (Curitiba).

*Correspondentes:* Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armand de Fluviá (Barcelona).

*Fotos:* Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schitini (São Paulo) e arquivo.

*Arte:* Jo Fernandes, Mem de Sá, Patrício Bisso, Hildebrando de Castro.

*Arte final:* Gandhi Gama Neves e Edmílson Vieira da Costa

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. CGC: 29529856/0001-30; Inscrição estadual: 81.547.113.

Endereço: Caixa Postal 41.031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento 189/203, Rio. **Distribuição,** Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente. Rua da Constituição, 65/67. São Paulo: Paulino Carcanhetti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Literarte; Florianópolis: Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: Ghignone.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 180,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

# Morte em San Francisco

**O vereador Dan White, de San Francisco, renunciou à sua cadeira na Câmara, em protesto contra os baixos salários. Algumas semanas depois resolveu voltar atrás e retomar seu cargo. Mas tanto a Justiça quanto os eleitores se opuseram a isso, desaprovando o gesto irresponsável do ex-vereador. Irritado com a confirmação de que já haveria um substituto para sua cadeira, Dan White dirigiu-se ao prédio da Prefeitura e matou primeiro o prefeito, George Moscone e em seguida o colega vereador, Harvey Milk, com vários tiros de revólver. Esse duplo assassinato na Califórnia parece não ter os motivos retumbantes que agradariam à grande imprensa. Chegou-se, por ex., a ligar esse crime com os Anjos da Morte (da seita Templo do Povo) que teriam justiciado o Prefeito como vingança.**

**As razões do crime parecem muito mais corriqueiras (ou sutis) do que se imagina. O prefeito Moscone, ultraliberal, entre outras coisas escandalosas deixava-se fotografar na passeata anual dos homossexuais, sendo um político sensível à situação dos grupos discriminados. O vereador Milk, por sua vez, tinha sido eleito pela comunidade guei da cidade, como seu representante: era confessadamente homossexual e proclamava com orgulho que se tornara o primeiro político americano a sustentar publicamente suas preferências sexuais não-convencionais.**

**Interessaria saber, portanto, os motivos que levaram o assassino a escolher exatamente o vereador homossexual, sendo que tanta gente apoiara seu afastamento da Câmara dos Vereadores. Pois bem, Milk já se destacara como um dos principais articuladores da campanha contra a Emenda n.º 6 do Senador Briggs, que tornaria legal (se aprovada) a discriminação aos professores homossexuais nas escolas públicas da Califórnia. Enquanto o velho senador viu-se rechaçado nas eleições de novembro último, Milk era carregado nos ombros: tornara-se um ídolo não só da populosa comunidade guei de San Francisco (quase 20% da população) mas também do resto do país. Milk sabia que essa notoriedade poderia eventualmente lhe custar a vida, tanto que deixou uma carta-testamento a ser aberta caso fosse vítima de um assassinato. Do que se pôde averigüar, os crimes não parecem diretamente carregados de conotações anti-homossexuais. Mas também é verdade que o assassinato significou uma forma sutil de vingança do "stablishment" contra (pelo menos) um transgressor de suas regras. O matador de White não é absolutamente um monstro mas um americano comum" atraente, jovem (32 anos), certinho, pai de família. Diz-se que era tão saudável quanto uma torta de maçã" (e "saudável" aqui é sinônimo de "normal" que por sua vez é sinômino de "americano típico".) Tinha sido policial, servira como pára-quedista na guerra do Vietnã, durante quatro anos, e recentemente trabalhara como bombeiro, chegando a conquistar medalhas por bravura. Ele certamente sonhava com a ordem a qualquer custo — e foi isso que o levou a matar Harvey Milk.**

**Na noite do crime 30 mil pessoas caminharam em procissão por San Francisco, carregando velas acesas, enquanto tambores batiam sons fúnebres e Joan Baez se apresentava, cantando suas velhas canções de protesto. Nada disso impedirá que a qualquer momento ocorram outros assassinatos políticos, que já fazem parte do "jogo democrático" nos Estados Unidos. Para os militantes homossexuais americanos, o resultado dos crimes é politicamente imprevisível. Poderá significar mais um passo no sentido do recrudescimento da extrema-direita (já tão notório no fenômeno Anita Bryant). Os ultraconservadores poderão ser chamados para a tarefa de moralizar a "Sodoma americana" e conter excessos — criaram raízes na Califórnia e se alastrariam por todo o país. Aliás, um jornalista sugeriu exatamente isso, ao considerar San Francisco "uma cidade onde a tolerância se deteriorou em licenciosidade e onde o Baile das Putas e a Noite das Bichas tornaram-se comemorações públicas".**

**Mas pode ser também que o assassinato de Milk provoque nos grupos homossexuais um crescimento de consciência política. Um dos fatos mais alvissareiros, a esse respeito, é a influência cada vez maior das lésbicas dentro do movimento homossexual da região. Isso parece um sintoma positivo, pois elas costumam ser as mais implacáveis contestadoras do Sistema americano. Além de tudo, Milk deixou uma herança política, através de suas idéias. Para ele, organizar-se significava necessariamente mover-se para a esquerda. Assim, considerava a vitória contra Briggs como uma vitória para todos os grupos oprimidos, exatamente porque Briggs compõe com as posições mais fascistas do país.**

**Em qualquer das hipóteses, convém não esquecer que a morte de Milk não pode interromper a luta dos homossexuais nos Estados Unidos, pelo simples fato de que o sistema de representatividade político-eleitoral é extremamente discutível em qualquer parte do mundo. O processo de luta, iniciado já há tanto tempo, certamente continuará por esse e outros caminhos. No próximo ano deverá se concretizar um dos sonhos de Harvey Milk: uma Marcha Guei sobre Washington no dia 4 de julho, aniversário da independência. Isso poderá significar um marco de maturidade política entre os homossexuais. E menos silêncio, menos medo, menos invisibilidade.**

(João Silvério Trevisan)

# Acusações em Londres

Quem lucrará na Inglaterra com o julgamento de Jeremy Thorpe, ex-líder do Partido Liberal britânico, acusado de conspiração para assassinar e de incitar ao homicídio pelo ex-modelo Norman Scott, que diz ter sido seu amante? Certamente o beneficiado não será o partido a que ele pertence, o qual, nas eleições de outubro de 1979, verá, com isso, a maioria dos seus seis milhões de eleitores escolher outro partido — a saber: o trabalhista e o conservador. É certamente pensando na defecção desses eleitores que se deve examinar a insistência dos jornais, do rádio e da tevê britânicos em manter em destaque o escândalo, a tal ponto que — pode-se dizer —, Jeremy Thorpe já foi previamente julgado e condenado por esses meios de comunicação.

Afinal de contas, a acusação a um eminente político de planejar um homicídio é em si mesmo um fato inusitado. Mas o que causou maior estranheza nesse caso foi a decisão da justiça inglesa de realizar o processo em sessões públicas e, portanto, com enorme publicidade. Lembram-se dos pivetes e ladrõezinhos que foram arrebanhados pela coroa para condenar o pobre Oscar Wilde na mesma — sim, exatamente a **mesma** — Inglaterra, só que de outra rainha, a Vitória? Pois bem, Norman Scott não está muito longe deles, apesar da classe tipo "fume Benson and Hedges" que procura aparentar. A própria imprensa inglesa, interessada em crucificar Thorpe, não resiste e o apresenta como "um indivíduo instável, que passou de um emprego para outro como modelo masculino, treinador de cavalos e outras atividades transitórias e mal-sucedidas".

Em seu depoimento à Justiça, Scott alegou ter tido um relacionamento homossexual com Thorpe de 1960 a 1961. Anos mais tarde, como ele passou a se referir pública e freqüentemente a esse relacionamento, Thorpe, cujo nome era citado entre os candidatos a Primeiro-Ministro, considerou o fato "prejudicial à sua carreira política, ao Partido Liberal e à felicidade pessoal de sua família". E por isso, segundo a Promotoria, teria partido para a conspiração contra a vida do suposto ex-amante.

*Jeremy Thorpe com a mulher e a mãe, em uma de suas idas ao tribunal*

Mas que conspiração foi esta? Bom, uma longa lista de testemunhas depôs contra Thorpe, dizendo que, primeiro, ele fez tudo para convencer Scott a deixar o país. Como este voltasse sempre, decidiu eliminá-lo. "O dinheiro proveniente da contribuição de um milionário ao Partido Liberal foi desviado — diz o promotor em suas conclusões — para contratar um piloto desempregado, Andrew Newton, para ser o assassino". Mas, caso a história seja verdadeira, Newton revelou-se um autêntico fracasso como matador: o máximo que conseguiu foi eliminar o cachorro de estimação de Scott, o qual, a partir de então, viu-se no direito de divulgar, sem nenhuma reserva, o seu relacionamento com Thorpe, através dos jornais. E ele o fez de forma tão sórdida, que pelo menos um jornal inglês, o Daily Telegraph, preferiu ignorar suas declarações, dizendo que eram "indignas de ser publicadas".

Assim, Thorpe teve não apenas cortada a sua promissora carreira, como seu partido se encontra ameaçado. A decisão da Justiça de processá-lo em sessões públicas, e exatamente numa época próxima das eleições, é bastante esclarecedora; mais do que ele, estará em julgamento o próprio Partido Liberal. Nas sessões a que comparece, no tribunal, Jeremy Thorpe tem ido sempre em companhia de sua mãe e de sua mulher, que, dessa forma, lhe manifestam sua solidariedade. Esta, no entanto, ele não deve esperar dos seus colegas de partido, para os quais Thorpe era "ambicioso" e "esquisito" demais. O que traduzido menos literalmente, quer dizer o seguinte: "Eu bem que desconfiava..."

(Aguinaldo Silva)

# Keneth Anger: por um cinema sem barreiras

*Keneth Anger, o cineasta várias vezes maldito, em foto recente*

Um filme para ser gay não precisa tratar de homossexualismo: basta revelar uma estética e uma sensibilidade. Sob este ponto de vista, a maioria dos filmes de Pasolini, Visconti, Losey, Bertolucci e outros grandes cineastas — têm mais a ver com a cultura gay do que melodramas açucarados tipo Domingo Maldito e Meu Passado Me Condena. Certos enquadramentos de Marlon Brando, James Dean e Warren Beatty nos filmes de Kazan falam mais à passarinha do que todas as biografias filmadas de Oscar Wilde e Tchaicovsky.

Sempre houveram as mais debochadas, menos comerciais e mais assumidas. Jean Cocteau, por exemplo, levou seus caprichos à tela com O Testamento de Orfeu, depois de exibir-nos por décadas o seu Jean Marais em filmes mais convencionais. Andy Warhol dissecou os midnight-cowboys de Nova York através de Joe Dalessandro. Até Genêt dirigiu o curta-metragem Chant d'Amour (aliás, ótimo). Entre esses poucos, está Kenneth Anger.

Quem é afinal Kenneth Anger? Um dos quatro grandes do cinema underground, ao lado do já citado Warhol, de Jonas Mekas e de Stan Brackage. Nascido em 1932 na Califórnia, aos 3 anos de idade fez uma ponta no filme Sonho de uma Noite de Verão, de Max Reinhart. Aos 9 dirigiu seu primeiro filme. Aos 15, a primeira obra-prima. Apadrinhado por Cocteau, mudou-se para Europa, onde viveu anos a fio. Ajudou as pesquisas preliminares do famoso Relatório Kinsey e participou da Marcha Sobre o Pentágono. Escreveu o livro Hollywood Babylon, coletânea de fofocas impublicáveis sobre a Meca do Cinema — e já prepara o equivalente sobre o meio político — Washington Babylon. Kenneth é discípulo confesso de Aleister Crowley — ocultista que envolveu de maneiras diversas personalidades como Cole Porter, H.G. Wells, Fernando Pessoa, Aldous Huxley, Katharine Mansfield e Anais Nin — uma vez denominado "o ser mais abjeto que já pisou a face da terra". Bruxo, cineasta marginal e homossexual confesso, Kenneth Anger não pode ser mais maldito. Vamos aos seus filmes mais interessantes.

FIREWORKS (Fogos de Artifício) — 1947 — 15 minutos, preto e branco, Dirigido quando o cineasta tinha apenas quinze anos, causou escândalo na sua família e as bênçãos de Cocteau. Trata de um adolescente (Anger), que depois de uma "pegação", leva um grupo de marinheiros para casa, onde é seviciado. O título do filme vem de uma cena perto do final, onde um dos marinheiros abre a braguilha e mostra o p..., que se transforma num fogo de artifício soltando estrelas por todos os lados. O protagonista descansa, exausto. Na realidade, há duas pessoas superpostas: uma, cansada, das torturas; a outra, radiante e cujo rosto se ilumina violentamente. Segundo o diretor, esta segunda pessoa é o nosso duplo, o nosso irmão demônio.

INAUGURATION OF THE PLEASURE DOME (Inauguração da Casa do Prazer) — 1954 — 40 minutos, colorido. Reconstituição de uma cerimônia pagã pertencente ao culto de Aleister Crowley. Vários personagens mitológicos (Vênus, Baco, etc) realizam um ritual que se transforma em orgia mascarada ao som de Verdi, enquanto o filme evolui num crescendo de montagem. Anger o editou várias vezes: em 1954, em 1958 (com três telas simultâneas) e 1966 (para ser visto sob o efeito de cogumelos alucinógenos).

SCORPIO RISING (Ascenção de Escorpião) — 1962 — 30 minutos, colorido. É o seu filme mais famoso, exibido há cerca de dez anos numa sinistra sessão especial na Maison de France do Rio. A primeira parte é um documentário sobre um motociclista Hell Angel e seus apetrechos mitológicos; botas, cintos, seringas e tatuagens — ao som de Elvis Presley. Na segunda parte, há uma orgia de motoqueiros e um exorcismo diante da bandeira nazista (tudo intercalado com um velho filme sobre Jesus Cristo). A terceira parte é uma corrida de motos seguida de morte — e o filme termina como começou: sob o signo da violência. Em 1964, depois de uma denúncia do Partido Nazista Americano, Scorpio Rising foi confiscado pela polícia como material pornográfico. Sua posterior liberação pela Suprema Corte americana abriu um precedente que ajudou a derrubar os códigos morais e a censura prévia.

INVOCATION OF MY DEMON BROTHER (Invocação do meu irmão demônio) — 1969 — 11 minutos, colorido. Já a história desse filme é ainda mais complicada. Anger iniciara um filme intitulado Lucifer Rising, interpretado por Bobby Beausoleil, seu garotão na época. Por instigação do seu mestre Charles Manson, Beausoleil roubou quase todo material filmado e destruiu tudo. Futuramente, foi condenado a prisão perpétua por um assassinato correlato ao crime Sharon Tate. Vive até hoje no Corredor da Morte de San Quentin, onde virou a cabeça de Truman Capote, que um dia foi lá entrevistá-lo. Do que restou do material filmado, Anger editou este filme, musicado por Mick Jagger. O resultado é um caledoscópio histérico da cultura pop, com rápidas imagens dos Rolling Stones e Charles Manson, orgias gay, hippies queimando fumo num crânio humano.

LUCIFER RISING (Ascenção de Lúcifer) — 1976 — 40 minutos, colorido. É o filme anteriormente idealizado para Beausoleil. Foi iniciado por Mick Jagger, depois pelo irmão deste (Cris) e finalmente completado por um metalúrgico inglês (Leslie Huggins). A atriz Mariane Faithfull tentou o suicídio três vezes durante as filmagens. A música, iniciada por Jimmy Page do conjunto Led Zeppelin, acabou sendo composta pelo próprio Bobby Beausoleil — diretamente da sua cela. Segundo Anger, Lúcifer *não* é o Diabo, mas um arcanjo caído em desgraça por *ciúmes* de Deus. Não representa o mal em si, apenas o avesso do que se convencionou chamar bondade. O filme, feito no Egito e em Stonehenge na Inglaterra, é plasticamente desbundante. Perto da violência dos outros, é calmo e refletido, com seus rituais em vez de orgias, com Isis e Osiris no lugar de Manson e Beausoleil.

**Bob Beausoleil, ex-ator predileto de Anger, hoje condenado à morte e aguardando o cumprimento da sentença no corredor da morte, em San Quentin**

Todos os filmes de Anger podem ser facilmente comprados com o próprio diretor, ou no mercado negro de filmes em Nova York, Londres ou Paris. Começaram sendo distribuidos clandestinamente, mas hoje são obrigatórios em cineclubes e faculdades. Todos foram feitos em 16 mm, o que lhes reduziu muito o custo. Talvez um exemplo a ser seguido no Brasil. Ou vai ou racha.

João Carlos Rodrigues

# Ensaios Populares

## Capitalismo, socialismo, argh!

*Psicólogo, membro ativo da vasta e secreta Sociedade dos Amigos de LAMPIÃO, Aristóteles Rodrigues foi o escolhido pelo nosso ínclito Conselho Editorial para inaugurar mais esta seção naquele que ele próprio batizou, numa carta, de jornalzão: Ensaios populares será uma espécie de "fala o povo" (guei ou não), na qual, mensalmente, publicaremos um ou mais artigos enviados pelos leitores. A condição, pessoal, é que o artigo não pode ter mais de cinco laudas datilografadas (laudas de 30 linhas), e deve ser aprovado pelo Conselho. Fotografia também vale. And now, introducing (cruzes!) Aristóteles Rodrigues.*

*1) Homossexualismo & História*

***Homossexualismo masculino é, historicamente, uma constante; a diferença, de cultura para cultura, é a forma de encará-lo: aceito, incentivado, tolerado e combatido.***

***Na Babilônia (1.700 anos A.C., mais ou menos), ele é religioso, cúltico (1); na Israel, da mesma época, o Velho Testamento condena-o com violência — sinal de que ele é atuante e, note-se, é também cúltico e ritual. Na Grécia (400 A.C., mais ou menos), ele é icentivado, na medida em que o corpo masculino, jovem e atlético, é promovido como ideal. Em Roma, é aceito, embora sem a promoção do Estado. E começa a ser combatido ferozmente, à base de maldições (na época, funcionava), condenações, mortes, nos países onde o Cristianismo penetra, via Paulo (2).***

***Contemporaneamente, ele é usado/combatido, ao sabor da ideologia dominante, como veremos.***

*2) Homossexualismo & Religião*

***As interpretações atuais da Teologia, numa visão histórica e antropológica, falam da condenação judaica ao homossexualismo como uma repressão às práticas religiosas pagãs (no Velho Testamento, como repressão às religiões politeístas tradicionais das regiões que os judeus foram ocupando; no Novo, a referência é a Grécia, em parte (culpa da cultura onde Paulo se criou), e, no restante, ouvindo o galo cantar e não sabendo aonde), e não à prática sexual, em si; Cristo, em nenhum momento, faz referência (quer elogiosas, quer condenatórias) a homossexuais, ou ao homossexualismo, e estas se concentram em Paulo e no Apocalipse (3).***

***Tal não foi, infelizmente, a interpretação dada nesses milênios dessa religião; homossexualismo é anátema, maldição, expulsão, doença mental; nas Forças Armadas, se não dá prisão, dá expulsão. Em postos-chave, em qualquer país, são preteridos por heteros (não tanto por passíveis de chantagem, e sim por serem considerados passionais e de pouca confiança).***

***Então, vilipendiados e marginalizados, os homossexuais chegam no Estado atual como malditos: na 2ª Guerra Mundial, perseguidos, chacinados, são os únicos sem direito a reparação, após o Armistício (sem contar que eram obrigados a usar um infamante símbolo (tatuado) rosa que os identificava publicamente. No Brasil, hoje, são humilhados verbal e fisicamente, sendo, constantemente, destinados à limpeza de privadas e chão, nas delegacias, além de usados sexualmente, tanto pelos policiais como pelos presos (4).***

*3) Homossexualismo e Psicologia*

***A insistência da Psicanálise em classificar homossexuais como doentes cria dois problemas, basicamente: um, é fazê-los acreditarem-se como doentes (na maioria), e comportar-se como tal. Outro, é que isso pode até ser verdade para um grande número deles (também é válida, essa assertiva, para heterossexuais), mas não é verdade para sua totalidade. E, ainda, esse grupo que seria doente, de fato, pode ser dividido em 2 grupos: os que são homossexuais porque são doentes (minoria, ao meu ver), e os homossexuais que ficaram doentes por ter sua prática sexual condenada inclusive pelas outras atividades sexuais marginais (prostitutas, gigolô, caften, e amasiados), com uma conseqüente marginalização.***

***Do ponto de vista sadio da Psicologia (isto é, de uma Psicologia sadia), homossescualismo é um comportamento adquirido reforçado, instalado e (ou não) utilizado; logo, passível de ser recondicionado para o heterossexualismo (na medida em que a pessoa o queira).***

***Já, existencialmente, homossexualismo é saída, e não opção. Como heterossexualismo é saída, também. Esclareço: na sociedade ocidental (5), que não oferece condições para optar-se, e sim tende a indicar os caminhos considerados certos — o que conceitua uma atitude fascista — quase ninguém tem sua sexualidade resolvida. Para que isso acontecesse, seria preciso que ambas as atitudes sexuais (há outras) fosse apresentadas com suas vantagens e desvantagens, sem preconceitos por parte de quem as apresenta (papai, mamãe, professor, titia, amigo, médico etc.), o que não ocorre. Afinal, como já dizia um amigo do interior, "homossexualismo e câncer só dá do vizinho prá lá".***

*4) Homossexualismo & política*

***a) Capitalismo: sistema sócio-econômico que sucedeu o feudalismo; consiste, teoricamente, em um regime no qual os meios de produção constituem propriedade privada, e pertencem aos capitalistas. Mas a prática o faz um regime que divide a sociedade em dois níveis: classes produtora e capitalista. No movimento de ambas, surge uma terceira, intermediária, que se alterna entre produzir e capitalizar (essa, somos nós, a classe média).***

***Essa divisão cria a necessidade de subdivisões ad-nauseam: produtor a, b, c; média a, b, c; capitalista a, b, c. Por sua vez, essas classes são incentivadas a subdividirem-se em grupos, por profissões, atividades, etc., criando uma fragmentação social que, obviamente, refletir-se-á na formação do homem, internamente, impedindo sua unidade como pessoa, e tornando-o fraco, psicologicamente — o que facilita a eternização do sistema, e mantém a exploração da menos-valia.***

***O homossexualismo participa desse quadro (em nosso sistema), com algumas atribuições: sexo abundante, barato e descomprometido; "esparro" do proletariado, que pode ter alguém inferior, embora simbolicamente; bicho-papão, que serve de exemplo, na educação judaico-romana, para quem se afastar dos ensinamentos ocidental-cristãos. E serve, em especial, para compor, junto às outras minorias marginais (6), o inimigo que justifica a criação, manutenção e aperfeiçoamento das forças de repressão. E, claro, apenas justifica, porque essas minorias, em geral, são produtivas economicamente, e não são, nem de longe, ameaçadoras à estabilidade de qualquer regime; a repressão é mantida sob essa justificativa com o fim de enfrentar alguma ameaça real à estabilidade do sistema.***

***Mais claro ainda que, sendo fruto da relação pecaminosa (de exploração e divisão), mantida entre regime e povo, o homossexual tende a refletir essa fragmentação, dividindo seus colegas "de copo e de cruz" em castas (rica, média, e proletária), e marginalizando, por sua vez, as outras minorias marginais, como prostituta, bicheiro, ladrão etc. E, ao fazer o jogo do regime capitalista, mantém-se dividido (enquanto classe oprimida) e fraco, o que é conveniente para a não resolução das contradições e antagonismos do capitalismo.***

***b) Socialismo: regime que se propõe à eliminação do caráter antagônico das contradições entre as classes sociais, e posteriormente, à eliminação das próprias classes sociais.***

***Parece claro que, eliminando as classes sociais, criando um objeto catalizador da "líbido coletiva" ("Eu sou o Estado, e trabalho para o bem do Estado"), desaparece a divisão dos homossexuais em castas — em teoria.***

***A prática tem demostrado que desaparecem os homossexuais (e não há mágica) nos regimes socialistas. A moral do Estado torna-se rígida, aplicada a todos; o sexo é encarado como reprodutivo, as forças tornam-se necessárias para a consolidação do novo regime, e todos aqueles que gastarem essa energia com "futilidades", que a desviarem (incluam-se os homossexuais, prostituras, ladrões grandes e pequenos), serão punidos. O assassinato torna-se crime contra o Estado, e não contra a pessoa. O não trabalhar deixa de ser um problema da família do "vagabundo", para constituir-se problema da Nação; o pedido de esmola se constitui em delito, por estar roubando a Nação, e por aí a fora.***

***Ou seja, aqui e ali o homossexual torna-se vítima; o que varia é a honestidade da relação entre o Estado e ele: no capitalismo é ele usado de forma diferente da grande parcela da população (os não-marginais). No socialismo, ele é usado igual a toda a população.***

*Conclusão:*

***Geneticamente, o feudalismo é pai do capitalismo, e este é pai do socialismo; a mãe é sempre a massa. Nos três regimes não há lugar, historicamente, para o homossexual (este nunca conseguiu obtê-lo), exceto no velho — muito velho — regime onde o homem acreditava que os deuses governavam, de fato. Como não há reversão na História, creio que os "bons tempos" não voltarão (7).***

***Vejo a "revoada de bonecas" como mais um golpe do nosso precário e fraco (politicamente) regime: é preciso juntar todas as forças (braçais e intelectuais) para sobreviver, sem dar resolução aos antagonistas. Se — se — os homossexuais souberem, conseguirem, aproveitar o momento e ocupar um espaço, unirem-se, tornarem-se fortes, talvez — talvez — consigam mantê-lo. Pagando, acho, o mesmo preço que os negros americanos vêm pagando, desde Little Rock: sangue, suor, lágrimas e dinheiro.***

*(1) G.R. Driver, J.C. Milles — The Babylonian Laws (vol. II).*

*(2) Recuso-me a dar versículos, capítulos, etc. O livro é a Bíblia, e quem quiser, encontrará tudo isso lá. A observação é que a proibição, no Velho Testamento, deve-se aos prostitutos cúlticos que ainda existiam na área, e que cobravam por seus serviços, na tradição das religiões mesopotâmicaspré-judaica.*

*(3) Idem, na recusa.*

*(4) Lembre-se a exceção (é assim?) de Madame Satã: viado, sim; capacho, nunca.*

*(5) "Sociedade ocidental", porque é a que eu vivo e conheço; a(s) oriental (is) não sei bem como é, e não falo por elas.*

*(6) Outras minorias marginais: prostituta, toxicômano, negro, engraxate não registrado, suburbano na Zona Sul, ladrão, favelado, mulher no mercado de trabalho.*

*(7) "Bons tempos" entre aspas: afinal, o sustentáculo do homossexualismo, através da História tem sido o dinheiro: prostituição masculina ritual na Mesopotâmia, rapazes sustentados e/ou pagos por velhos na Grécia e em Roma, tráfico de influência no Ocidente "da Renascença, promessas de trabalho no cinema, teatro e afins, casa, comida, carro e pensão e simplesmente pagamento (peg-pag), no atual momento. Bons tempos nunca existiram, para os homossexuais. Talvez possam começar a existir.*

# Louca e muito da baratinada

A sociedade na qual vivemos se baseia principalmente na exploração de uma classe por outra, e em uma verdadeira corrente de hierarquias opressoras. Esta estrutura exige, por exemplo, com premente necessidade, que a sexualidade esteja codificada e adaptada em função desta ordem que, nunca é demais dizê-lo, se caracteriza por seus toques de alienação.

A monogamia patriarcal reconhece só dois papéis sexuais e definidos muito precisamente. Toda manifestação que saia destes limites se converte automaticamente numa coisa maldita, suspeita, e ingressa no mundo das anormalidades, degenerescências. Com o correr do tempo e a desmoralização dos tabus sexuais, começou-se a utilizar uma terminologia mais suave, mais científica: perversão, inadaptação etc.

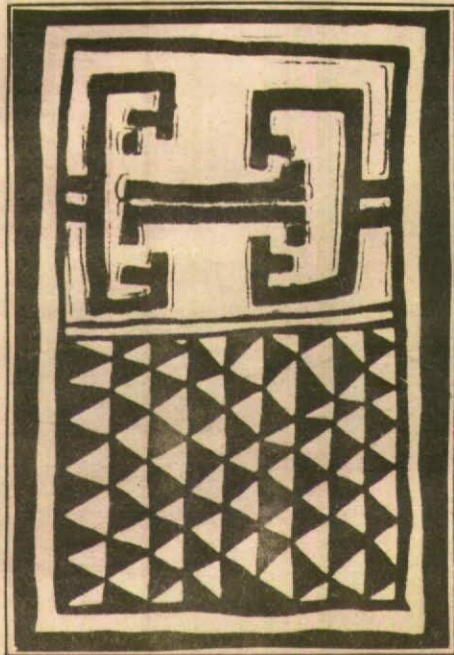
Neste mundo, que, usando um esquema tentamos descrever, a louca se vê obrigada a viver, a atuar, tratando de assumir uma identidade. Seu ponto de partida é o repúdio que sente pelo papel masculino, sinônimo de machista. Quer dizer, nega-se a ser homem. Portanto, lhe restará um único caminho: o papel feminino. E como este processo se inicia quando ainda não pode ter acesso ao assunto desde uma análise ideológico-libertária, acreditará que o masculino e o feminino são sinônimos de mulher e homem, únicos papéis sexuais e sociais. Não poderá sequer perceber que os papéis foram estipulados para oprimir e que são até hostis à natureza humana. E pensamos em natureza no sentido de liberdade.

Este fenômeno também se pode apreciar na mulher, que adota o papel masculino, situação que merece também uma extensa análise. Neste caso, a mulher repudia um papel que é desprezado e tratado como inferior, e desembocará no papel privilegiado e prestigiado, que é o do opressor.

Esta escolha da louca, ainda que não seja consciente e careça de uma história clara, abre uma contradição dramática e que pode ser capitalizada, utilizada, pela sociedade à qual pretende desobedecer. Por que se só há dois papéis, duas maneiras, de viver o sexo; a louca desejará, na realidade cotidiana e também em suas fantasias, um homem "normal"; e ele, a louca, será a mulher com todas as características e as taras que o costume e a tradição ordenam. Apelará para a maquilagem, para os gestos sedutores; moverá as cadeiras provocadoramente. A voz será aguda, histérica. As mãos, muito bem tratadas, mostrarão anéis, e o queixo tenderá a elevar-se. Quer dizer, a louca ver-se-á obrigada a imitar a mulher ideal, modelo confeccionado pelo sistema e oferecido — desde a propaganda — como o grande objetivo a alcançar. Lembremos que este modelo na realidade não existe. É uma armadilha. Assim, vemos como na Puerta del Sol (em Madrid) passeia uma *Agata Lys* ou uma *Nadiuska* com essa aparência de condenados à morte. Pois o destino final destes objetos sexuais é o de uma Marilyn Monroe.

O repúdio da masculinidade abre contradições dramáticas. Uma delas é a negação do próprio corpo, pois se deseja conquistar um homem que deve desejar uma mulher. Então, os órgãos sexuais da louca, como os do travesti ou do transexual (que chega à emasculação) se convertem em uma moléstia. Tratarão de ocultá-los e na relação sexual deverão estar ausentes, criando-se uma dicotomia angustiante. Não apenas descartam a possibilidade de penetrar genitalmente em seu companheiro. Evitarão que este sinta a existência do seu pênis. Assim a relação acaba por se situar no campo da heterossexualidade, como uma caricatura. A louca negando seu corpo, e obrigando seu companheiro a um determinado papel, permanecerá prisioneira do esquema machista.

(Hector e Ricardo, da Frente de Libertação Argentina no Exílio)

REPORTAGEM

# Como aprender com os índios

O Estatuto do Índio, que, segundo o Ministro do Interior, Rangel Reis, "visa exclusivamente a apoiar o desenvolvimento econômico e social das comunidades indígenas", e que engloba o projeto de emancipação, continuava neste final de 1978 a pairar sobre os indígenas como uma ameaça, apesar do clamor em contrário que se fez ouvir no país inteiro. LAMPIÃO da Esquina, que desde o número zero apresentou-se como um jornal de minorias e destacou os índios como uma das minorias a ser prioritariamente defendidas, dá, neste número, sua contribuição à luta geral em favor da sobrevivência do índio brasileiro; mas acha que deve fazer à sua maneira, lembrando mesmo aos que se declaram partidários desta luta que o índio deve ser apresentado não como um ser mítico, o senhor da floresta, mas como um povo que tem sua cultura própria. Uma cultura cuja base principal é a harmonia com a natureza, uma harmonia tão completa que abrange o sexo: entre eles, este é fonte de alegria e prazer em todas as suas formas.

## "Terra papagalorum"

*O conceito de índio variou de aceitação do homem bom, primitivo (humanismo de Rousseau) ao repúdio que hoje se verifica no atual sistema em que vivemos. Talvez não haja nada de excepcional nisso, pois a necessidade cada vez maior do saber tecnológico põe o homem cada vez mais abaixo na escala de valores de um sistema desumanizador.*

*Na época dos descobrimentos levantaram-se louvas em honra ao índio de uma maneira romântica, novelesca e ideal, separando-o totalmente de sua realidade de nativo de uma terra pouco conhecida, da qual era habitante e dono. Aliás a polêmica em torno do índio talvez somente começasse a tomar vulto quando justamente estas terras entraram em questão.*

*A divisão do Continente em duas partes pelo Tratado de Tordesilhas em 1942, e posteriormente a divisão da "Terra Papagalorum" em várias capitanias hereditárias, divisão esta arbitrária e "legal" somente em termos europeus de ocupação e de colonização, nunca tomou o índio em consideração como um ser respeitável, legítimo dono destas terras divididas.*

*Logo após o Descobrimento, e mesmo até o começo do século XVIII a fusão entre europeus e índios era comum. A falta de opção dos que aqui aportavam fazia com que esta aproximação se tornasse necessária e finalmente não foram poucos os que aqui deixaram seus descendentes e sua própria vida.*

*O índio naquela época era usado principalmente como "bucha de canhão" nas escaramuças surgidas entre portuguêses e franceses nas suas procuras pelo pau-brasil. O poderio dos chefes era avaliado pelo número de arcos com os quais eles poderiam contar.*

*Durante essas lutas, porém, tribos inteiras foram riscadas do mapa, muitos foram os que acabaram saindo da zona litorânea para o interior, deixando esta faixa aberta aos eventuais colonizadores. Na época do Descobrimento avalia-se em aproximadamente 1 milhão o número de índios existentes no Brasil. Hoje existem pouco mais de 180 mil. Sua distribuição é a seguinte:*

*Amazônia..............91 grupos*
*Brasil Central........35 grupos*
*Brasil Oriental.......10 grupos*
*Brasil Sul............4 grupos*

*Destes 140 grupos conhecidos cerca de 34 ainda permanecem isolados, enquanto 35 grupos acham-se num ponto em que poderíamos dizer que estão integrados à sociedade e os vários grupos restantes estariam em diferentes estágios de contatos inter-étnicos.*

*A partir de 1900 cerca de 36% dos grupos conhecidos desapareceram com a gradual ocupação de terras e o aperfeiçoamento destas "técnicas de ocupação". É provável que, se continuar neste ritmo, lá pelo início do século XXI ter-se-ão extintos mais 50 e tantos dos grupos de que hoje se tem notícia.*

*Talvez seja oportuno neste ponto assinlar — muito por alto — a importância e o tamanho da terra ocupada por uma tribo. A área deve poder ser percorrida a pé de maneira que o índio esteja de volta ao cair da noite, pois a não ser excepcionalmente, o índio, ao sair de madrugada para caçar, voltará ao anoitecer para sua aldeia. Dentro dessa área está localizada, além da taba, uma pequena agricultura mantida principalmente pelas mulheres. Na área alcançável por toda a tribo deverão os seus habitantes achar o alimento suficiente para o seu sustento.*

*Daí, logicamente, o número de uma aldeia não poder ultrapassar a capacidade de uma área para alimentá-lo. E será esta relação íntima entre área ocupada e o índio com sua cultura e suas imensas opções diante do território conhecido e respeitado que irá garantir a sua sobrevivência em termos de ser humano, e que, por isso mesmo deve ser objeto do maior respeito.*

*A primeira iniciativa concreta de uma política indígena federal surgiu com o decreto 8.072 de 1910, que criou o Serviço de Proteção ao Indio e Localização de Trabalhadores Nacionais, cuja finalidade principal era solucionar os conflitos gerados entre os que queriam ocupar territórios indígenas e as tribos que defendiam estes mesmos territórios.*

*Seu primeiro diretor, Cândido Mariano da Silva Rondon, imprimiu a esta organização um ideal de grandeza humana e de real proteção ao silvícola caracterizado pelo lema "Antes morrer do que matar". Posteriormente o regulamento que acompanhava a lei foi modificado pelo decreto 9.214 de 1911. Neste regulamento foram fixadas as linhas mestras da política indigenista (cujo pioneirismo foi reconhecido pela 39 Conferência Internacional do Trabalho-1956 em Genebra)*

*Suas principais diretrizes eram — O respeito à auto-determinação do índio a partir dos seus próprios padrões culturais, a proibição do desmembramento da família por quaisquer meios e finalmente a proteção ao patrimônio territorial indígena, garantido através da posse permanente, de caráter coletivo e inalienável.*

*Porém, pelos anos, foi este regulamento modificado em 1918 e 1928 (quando estabeleceu-se a situação jurídica ao índio) e em 1929 criou-se finalmente o Conselho Nacional de Proteção ao Índio. A regulamentação deste decreto sofreu várias modificações até que por meio da lei 5.371, de 5 de dezembro de 1967, foi autorizada e pelo decreto 62.196 de 31 de janeiro de 1968, foi criada a Fundação Nacional do Índio — FUNAI —, destinada a fundir em uma única organização os Antigos Serviços de Proteção ao Índio, Conselho Nacional de Proteção ao Índio e Parque Indígena do Xingú.*

*Por falta de recursos, porém, tanto na área do orçamento quanto na ausência de pessoal qualificado em número suficiente, não se chegaria nunca a uma solução adequada, pois a terra prometida aos indígenas vale cada dia mais num sistema econômico ao qual culturalmente é impossível para eles a adaptação, e não só para eles, mas para tantos, que, sem saber o rumo a tomar, pretendem passar por índio para poder talvez desfrutar de alguma assistência.*

*A verdade é que, uma vez emancipado, o índio será mais um cidadão brasileiro, sem casa nem terra, habilitando-se teoricamente a comprar por meio do B.N.H. a sua possibilidade de sobrevivência mediante jur e correção monetária a correr durant anos e mais anos. Para ter direito sobre a terra, terá que pagar, em di eiro, por esse direito, num sistema em que ele, como tantos outros, já nasce marginalizado, sem poder realmente aspirar a ser remunerado adequadamente para que tal direito possa ser respeitado.*

***E como poderá êste novo Brasileiro entender as peripécias de uma lógica econômica que nem brasileiros mais informados, por já pertencerem a dita civilização, conseguem decifrar — lógica tão ilógica? E o índio se torna, para o Governo, um problema profundamente humano, na medida em que ele se con cientiza das mudanças e os problemas daí decorrentes e começa a questionar, dentro da lógica da cultura branca, estas próprias mudanças.***

***É incrível, como destaca o professor C. Moreira, que o Governo não possa garantir as áreas que são reservadas ao índio, quando a posse da terra é assegurada aos grandes proprietários se invadidos por agricultores.***

***O fato é que talvez enquanto pensamos que estamos discutindo a emancipação dos índios, na realidade estamos falando da invasão de terras brasileiras pelos grandes capitais estrangeiros.***

***E o Brasil, PATRIA AMADA, para onde vai?***

**Katie van Scherpenberg**

## Nas raízes da trágedia

Hoje, quando em todo o mundo revitalizam-se movimentos destinados à valorização de etnias; quando o processo de descolonização não apenas permanece entendido como destinado a liberar nações, mas, e principalmente, povos que não têm acesso aos meios de comunicação para dizer que estão presentes; quando luta-se em diferentes frentes para encontrar fórmulas de relacionamento simétrico entre as nações; quando anseia-se por condições de vida mais dignas para todos os explorados; quando, neste país, forças cada vez mais poderosas clamam pelo fim da excessão, do arbítrio e do autoritarismo, reunimo-nos com o objetivo específico de trazer a público a tragédia do homem índio.

Tragédia vivenciada por cerca de 200 mil indivíduos. Tragédia que agora deseja-se transformar em etnocídio, através da implantação de um projeto de decreto que tornará o índio, não índio. Ou seja, que tornará o índio "cidadão pleno" deste país, incorporando-o, pelo menos, a outros 60 milhões de pessoas que têm padrão de vida *miserável*, decorrente dos baixos salários que conseguem auferir. Como ninguém pode acreditar que se possa transformar pessoas, nem realidades sociais, por decreto; nem tampouco que interessa aos índios ter acesso a situações que, se desejadas, eles efetivamente já possuem (refiro-me, por ex. à obtenção de registro civil; carteira de trabalho ou título de eleitor), temos de pensar sobre o que efetivamente há como motivação para o esforço que se está realizando no âmbito oficial para implantar o malfadado, o inoportuno projeto de emancipação.

A realidade indígena da região sul pode oferecer alguns dados esclarecedores do interesse oficial. Nessa região o DGPI, DGO, e a Asplen, órgão da FUNAI, disputam a exploração do patrimônio indígena, através de siglas como CPI e Prodec. Somente em madeira, o DGPI espera obter a receita de Cr$ 23.077.000, no corrente ano. Projetando-se a preços reais, vigentes na região, este valor passará, entretanto, para o dobro pelo menos. Em Ibirama (SC) cerca de Cr$ 11.800.000,00, no mínimo, são devidos aos índios pela ocupação de suas terras pelas águas formadas pela construção de uma barragem de regularização do rio Hercílio. E em toda a bacia do Uruguai cerca de 11 áreas indígenas estão sujeitas a serem afetadas pela implantação de um complexo de barragens, destinadas à geração de energia elétrica.

Foram também os índios da região sul que começaram o processo de expulsão dos posseiros que intrusavam suas área. Agora as terras estão livre. Parece muito claro que ao apoiar os índios no processo de expulsão dos intrusos, o Governo não pretendia efetivamente deixar aquelas terras nas suas mãos. Parece-me, que aí reside toda a motivação do projeto de emancipação.

O Ministro do Interior, Sr. Rangel Reis, oferece algum esclarecimento sobre o sigiloso projeto, ao adiantar a imprensa (Folha de S.

*Continua na página 6*

Paulo, 31/10/78) que "as terrâs nas quais vivem os indígenas emancipados continuarão pertencendo à união"... e que "pensamos (...) em considerar analienável a terra doada pela união ao índio, mas me parece que depois de emancipado, em pleno gozo dos seus direitos civis, essa medida parece violar (sic) os direitos humanos dos índios".

É evidente que a União não deseja admitir que as terras de um posto indígena como Nonoai (RS), por ex., com seus 14.190 ha, permaneçam livres e desembaraçadas nas mãos dos 1.156 índios que ali vivem. A idéia da União certamente é a de outorgar a cada família indígena um lote, digamos de 3,10 ou 30 ha. Em Nonoai existem cerca de 220 famílias, o que na pior das hipóteses liberará a área de 8.310 ha para a União.

Ora, o que pensam os índios disto?

Posso garantir que os índios do Sul estão cansados da servidão a que se acham reduzidos, pela incapacidade da FUNAI em aplicar a Lei e pela montagem ostensiva de um aparelho burocrático para explorar o patrimônio que a eles pertence legitimamente. À FUNAI, como tutora, cabem críticas extremamente severas. Mas, os indígenas estão cada vez mais cientes de seus direitos e de modo algum pretendem abdicar de suas terras e da ajuda que o Governo lhes deve para que continuem como povos diferençados. Para esta luta todos a partir de agora estão convocados. O índio tem direitos definidos na legislação internacional, da qual o Brasil é signatário. Ele também tem o direito de deixar de ser índio, se quiser. Entretanto, toda decisão deve partir dele e não ser outorgada a ele. Afinal o índio tem que passar a usufruir um direito dele e não um direito sobre ele, que lhe tolhe todas as ações.

Creio, pois, que é necessário repensar o índio no discurso oficial. E para tanto, é preciso repensar toda a Nação brasileira, tornando-a pluralista, multi-étnica, plurinacional e efetivamente democrática.

Sabemos, que o projeto de emancipação em nada contribui para o indigenismo que efetivamente desejamos, nem tampouco trará vantagens reais para os índios. Somos, portanto, pela sua rejeição.

**Sílvio Coelho dos Santos**

# Na selva peruana

**(Estes são dois trechos do livro *"Keep the river on your right"*, do pintor americano Tobias Schneebaum, que viveu algum tempo numa tribo de índios da selva peruana. Além de serem canibais, esses nativos tinham costumes sexuais que pareceriam "estranhos" aos brancos. E uma ternura desconhecida na nossa civilização.)**

É surpreendente a maneira como eles vivem por aqui. Estou sempre descobrindo coisas novas. Mais ou menos metade das mulheres estão grávidas. Outro dia, depois de preparar uns esboços de desenho, eu vinha voltando para casa e vi uma dessas mulheres cavando um buraco, sozinha num canto do mato. Ela se ajoelhou por cima do buraco, com as pernas bem abertas. Deixou escapar um gemido, enquanto uma massa úmida escorregava do meio de suas pernas. A seguir, cantou longamente, em tom altíssimo, até que outra mulher veio e ajoelhou-se a seu lado. Depois que a mãe apanhou o bebê, ambas taparam o buraco. Segui-as em direção ao rio, onde elas lavaram a criança. Pegaram o corpo de um filhote de jaguar que já estava por ali e deixaram que o sangue da garganta aberta escorresse sobre a cabeça da criança. Finalmente, regressaram à oca. Passaram por meus três amigos índios, que estavam mexendo em seus arcos e flechas, mas não lhes fizeram sequer um sinal. Um pouco mais tarde, vi essa mesma mulher mexendo no fogo, com o bebê a dormir dentro de uma armação, nas suas costas.

Eu me deitei com os outros homens, no nosso compartimento. Fiquei pensando nos desenhos que tinha feito, enquanto olhava Michii pentear seus cabelos com uma espécie de vagem cheia de espinhos. Meu amigo Darinimbiak começou a rir baixinho. Pôs-se a dar tapas nas costas e nas coxas de Michii. Agarrou o pênis do outro, esticou-o e acariciou-lhe os testítulos. Inclinou-se depois sobre mim, deu uma palmada na minha perna e puxou meu pênis pela cabeça. Apontou para a mulher que dera à luz, recostou-se sobre as costas de Michii e abraçou-o por detrás, dizendo-me que o companheiro tinha se tornado pai. Michii não manifestou qualquer sinal de orgulho ou prazer. Mesmo tendo a mulher e a criança a uns três metros dele, na beirada do fogo mais próximo, não fez qualquer movimento de curiosidade. Depois de comer, Michii levantou-se e saiu. No caminho, passou pela criança, e só então lançou-lhe um rápido olhar.

Nós, homens e mulheres, vivemos separados. Por aqui, existem filhos e mulheres grávidas. No meio da noite, entretanto, ninguém se levanta do seu local para procurar companhia. O parceiro está aí ao lado, aconchegado à gente, seus braços e pernas enlaçados no corpo da gente.

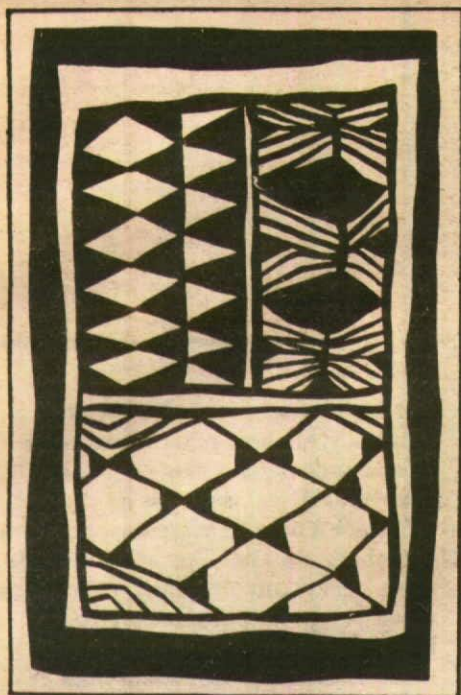
**Mayaarii-há, mayaarii-há**
**Eyorii-kihuat**
**Ihuenuayken**
**Hinkaá-hinkaá**
**Ihuenuayken, ihuenuakyken**
**Mayaarii-há- mayaarii-há...**

Isso era cantado em voz baixa e rouca, com sílabas prolongadas de apenas três notas. O

**refrão repetia-se indefinidamente. Como a última linha não tinha final, o canto podia continuar sem** interrupção, voltando novamente ao início. Dançando, eles saltavam e se agachavam, duas vezes num pé, duas vezes no outro. Vestiam-se com cocares de penas de arara, vermelhas e amarelas. Usavam uns braceletes de penas compridas, amarrados em volta dos ombros, parecendo asas que se abriam e ondulavam com os movimentos.

Quando entrei no círculo, sentia-me hipnotizado por aquele movimento repetido sem parar, pelas luzes caleidoscópicas que se agitavam na minha íris e pelo canto que parecia um bramido a carregar meus pensamentos para longe. Horas depois, voltei a sentar-me com Michii e Darinimbiak, os três sozinhos junto ao fogo, enquanto os outros dançavam e cantavam à nossa volta. Apanhei então um pedaço de carne humana que Michii me oferecia e comi. Comi ainda mais, antes de voltar ao círculo e dançar outra vez. Mayaarii-há, mayaarii-há!!

A curvatura da lua surgiu, iluminando uma nuvem negra. Sua luz nos cobriu de azul, enquanto comíamos e murmurávamos as notas do cantochão, a balançar os quadris para frente e para trás. Sobre nós homens estendia-se o silêncio e a calma. Um grupo levantou-se, apanhou um coração do meio das brasas e caminhou para a floresta. Outros pequenos grupos levantaram-se também, escolhendo um pedaço de carne e desaparecendo em outras direções. Ficamos sozinhos até que Ihuene, Baaldore e Reindude apareceram diante de nós. Reindude carregava na mão o coração daquele homem que ele trouxera de tão longe, um homem que vivera em sua cabana até que nós chegamos e o matamos. Estendemo-nos pelo chão, um ao lado do outro, nossos ombros tocando-se. Michii olhou para o alto e apresentou o coração à lua. Em seguida, mordeu-o como se fosse uma maçã e tirou um pedaço enorme, quase metade. Mastigou-o várias vezes e cuspiu-o numa das mãos. Separou a carne em seis porções e colocou-a na boca de cada um de nós, para que comêssemos. Fez o mesmo com a outra metade do coração. Depois, virou Darinimbiak de costas e levantou seus quadris de tal modo a deixá-lo de quatro. Enquanto ambos grunhiam e cantarolavam "Mayaarii-há, Mayaarii-há", Michii deitou-se sobre as costas de Darinimbiak e penetrou dentro dele.

**(Tradução de João Silvério Trevisan)**

# Notícias do amor-mentira

*Podemos afirmar, sem medo de erro, que o homossexualismo no Brasil é mais antigo que o próprio Brasil: quando os europeus aqui chegaram, pasmaram-se e lançaram anátemas contra os índios Tupinambá, por serem "muito afeiçoados aos pecados nefandos". Pecado nefando, torpeza nefanda, sodomia eram os termos usados antigamente para se descrever as relações homossexuais e mais precisamente a cópula anal. Gabriel Soares, o cronista acima citado, informa ainda que os Tupinambá "são tão luxuriosos que não há pecado sensual que não cometam... E em conversação não sabem falar senão destas sujidades que cometem a cada hora, os quais são tão amigos da carne, que se não contentam, para seguirem seus apetites, com o membro genital como a natureza o formou, mas há muitos que lhe costuma pôr o pèlo de um bicho tão peçonhento que lho faz logo inchar... ficando o seu cano disforme de grosso".*

*Revela ainda que não havia entre os ameríndios "afronta", isto é, ultraje na prática do homossexualismo, sendo que "o que se serve de macho se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza. E nas suas aldeias pelo sertão há alguns índios que têm tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas"* (***Tratado Descritivo do Brasil, 1857***).

*Não foi apenas Gabriel Soares quem se referiu às práticas homofílicas entre os indígenas da Terra de Santa Cruz: o calvinista Jean de Lery (1557) diz que os Tupinambá por vezes insultavam utilizando a expressão "tyvire", isto é, quem praticava o "pecado abominável". O sociólogo Florestan Fernandes é mais categórico, afirmando que "tivira" designava o "pederasta passivo".*

*Práticas homossexuais foram igualmente observadas entre diversas tribos indígenas na atualidade: o antropólogo Levi-Strauss informa que entre os Nhambiquara o homossexualismo é chamado poeticamente de "amor mentira", sendo que "tais relações ocorrem com uma publicidade bem maior que a das relações normais. Os parceiros não se retiram para o mato, como os adultos de sexos opostos. Instalam-se junto à fogueira, sob o olhar divertido dos circunstantes... Não é raro ver dois ou três homens, casados e pais de famílias, passear de tarde, ternamente enlaçados..."* (***Tristes Trópicos***).

*Para os índios Guayaki, estudados por Pierre Clastres, o homossexualismo também é prática socialmente reconhecida, sendo o homossexual passivo chamado de kyryty, isto é, "ânus-fazer-amor". Quanto ao homossexualismo feminino, embora aparentemente menos freqüente, também foi observado tanto por Pero Correia, como por Gandavo. O primeiro diz: "há cá no Brasil muitas índias que assim nas armas como em todas as outras coisas seguem o ofício dos homens e têm outras mulheres com quem são casadas. A maior injúria que lhe podem fazer é chamá-las "mulheres". Tais amazonas, segundo Gandavo (1576), contraíam núpcias como os homens.*

*"Cada uma tem a mulher que a serve, com quem diz que é casada e assim se comunicam e conversam como marido e mulher"* (***História da Província de Santa Cruz***) — (*Luiz Mott*)

# Repressão: essa ninguém transa

Um outro belo exemplo destas relações não repressivas eu encontrei no Xingu. No xingu as casas são imensas, podem ter até 40 metros de comprimento, 14 de largura e nove de altura. Elas são como que enormes cestos de vara e palha, primorosamente trançados. E que, de repente, podem virar uma enorme chama. É grande o perigo de incêndio. Pois lá tinha um menino que simplesmente pôs fogo na aldeia. E o engraçado é que ninguém pensou em castigá-lo, matá-lo ou mandar para psiquiatra. Seu único castigo foi ficar pela vida toda com um apelido: O INCENDIÁRIO. E isso sempre era lembrado na base da brincadeira. Todos apontavam o menino na maior gozação: Olha lá o **incendiariozinho!...** Era a atração da aldeia.

A mesma atitude de respeito se nota com relação aos homossexuais. Há documentos já do século passado sobre a existência do homossexualismo entre as tribos do Brasil. Inclusive os Kadiwéu, que eu estudei. Eles chamam o homossexual de **kudina**. O **kudina** é um homem-mulher, ou um homem que decidiu ser mulher. Ele se veste como mulher, pinta o corpo como uma mulher — e menstrua.

Entre os índios a mulher menstruada — flechada pela lua na linguagem deles — está em estado de impureza, pelo que é intocável e perigosa. Então, para maior segurança dos homens, ela se retira para um ranchinho isolado durante a mestruação. O ranchinho vira um ninho de fofocas, e por isso os **kudinas** resolvem menstruar também e ficam uns dias lá, **numa boa**, fofocando o dia inteiro.

Mas o **kudina** é uma figura absolutamente aceita, integrada no grupo. Significa apenas uma possibilidade de condição humana que a tribo incorporou e até institucionalizou. O grupo reconhece que eles em geral são grandes artistas. São aceitos como os **guerreiros**. Estes, sim, andam um tanto confusos, vagando pela tribo, esperando a guerra. Mas não vem a guerra e eles não fazem coisa nenhuma.

De uma forma geral todos os índios se mostram muito livres em suas manifestações de afeto. Entre nós, um homem mal pode apertar a mão de outro, mulher a gente deve abraçar de leve. Os índios vivem agarrados uns com os outros. Curtem se tocar e conversar bem juntinhos. Inclusive os homens. Mal eu chegava numa aldeia, eles logo me cercavam e vinham se encostando. Uma amiga achou os índios uns desmunhecados porque não paravam de se encostar no marido dela.

A própria estrutura da família entre eles é totalmente diferente da nossa, e também não leva ao autoritarismo. Na nossa, o amor é o cimento da família. Ora, o amor e o trabalho são as duas coisas mais bonitas da vida. Mas o amor pode ocorrer várias vezes na vida, e até simultaneamente. Nossa estrutura pretende que o amor seja sempre um só. E quer usar o amor como o cimento de uma coisa tão séria que é criar filho. Os filhos exigem 14 anos de atenção e nesse tempo o amor pode fracassar, mas é preciso aguentar firme por causa dos meninos. Então nós usamos o cimeno errado. O cimento indígena é muito melhor. Entre os bororo, por exemplo, uma família é um conjunto de mulheres com seus irmãos e seus filhos; o filho leva o nome da mãe. E quem é o pai? É a pessoa que teve uma relação com sua mãe. Este pai, enquanto casado, mora no clã da mãe. Mas é de outro clã, para onde sempre volta. O pai é o **companheirão**, em cujo clã ele poderá casar. A autoridade para ele é o tio. É uma estrutura, portanto, totalmente diferente.

(...) Um belo exemplo de respeito de um pai pelo seu filho eu vi uma vez descendo um rio com um colega. Ele viu um índio Ticuna com uma cuia, muito bonita, pintada de preto por dentro e toda pirografada por fora. Eis o diálogo que se deu: "Eu queria comprar esta cuia." — Não é minha, é do menino. "Onde está ele?" — Por aí. "Dou essa faca pela cuia". — Mas é do menino. "A faca e o facão". — É do menino. "A faca, o facão e a tesoura". — Mas ela é do menino." Deixou de fazer um negócio que poucos pais civilizados deixariam de fazer só para não substituir a vontade do filho pela sua. Não usou sua autoridade **contra** o filho, mesmo num caso em que a vantagem do filho seria evidente.

**Darcy Ribeiro**

Os autores: Katie van Scherpenberg, artista plástica (é a autora dos selos que ilustram estas páginas), é estudiosa da cultura indígena. Sílvio Coelho dos Santos, antropólogo, bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas, é coordenador de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Tobias Schneebaum, pintor norte-americano. Luiz Mott, professor da Universidade de Campinas. Os excertos do trabalho de Darcy Ribeiro foram retirados de um artigo que ele publicou no boletim do Conselho Indigenista Missionário — CIMI.

# Gay-Macho: uma nova tragédia americana?

**Em muitos bares gueis dos Estados Unidos, requebros e desmunhecadas estão dando lugar a uma onda mais discreta, sob certos pontos de vista, de virilidade à base de músculos. Seymour Kleinberg, do That New Magazine, de Nova York, tenta descobrir neste artigo o que pode estar por trás dessa nova busca dos signos exteriores da masculinidade. Seria ela um sinal de liberação, de integração, ou apenas uma nova e perniciosa mania, indicando uma situação ainda mais lamentável?**

No início de maio deste ano, fiz uma visita ao Anvil Bar, boate gay de Nova York. Há muito tempo queria descobrir se tinham fundamento as histórias escandalosas que ouvia a seu respeito. Eu não tinha o indispensável cartão de sócio, mas um amigo apaixonou-se por um **go-go boy** da casa, tornou-se sócio e me levou para conhecer Daniel.

A boate realmente faz jus à fama que tem. Os rapazes dançam ininterruptamente em cima do balcão quadrado e se despem mesmo, como me contavam. Numa sala atrás, reluzem continuamente numa pequena tela filminhos pornográficos, cujo principal espectador parece ser o próprio projecionista, que os observa com ar hipnotizado. Um cubículo de escuridão absoluta, mais escondido, é popularmente conhecido como o **fuck-room.** No meio do salão principal vê-se um palco elevado a cerca de metro e meio onde se realizavam demonstrações de **fistfucking** às três da manhã, caso a platéia evidenciasse entusiasmo; mas estes espetáculos espontâneos foram cancelados quando começaram a atrair "turistas" de outras discotecas. Agora, o palco é utilizado pelos freqüentadores, que se exibem em variados números de dança à luz dos refletores: de universitários e quarentões, dos profissionais (de tudo) a amadores. Há tipos para todos os gostos, e alguns para nenhum. Sempre há rostos novos, e a gerência é bastante liberal para permitir que qualquer um com um corpo razoável faça o seu número. Sempre aparece alguém que estudou dança e é ingênuo o suficiente para deixar isso bem evidente, sendo invariavelmente o menos apreciado pela platéia.

Daniel, o caso do meu amigo, é fora de série. Ele é um dos poucos capazes de fazer uso do trapézio preso ao teto com habilidade. Sem quebrar o ritmo de sua dança, ele salta para o ar e passa quatro ou cinco minutos balançando-se ou passando de uma barra a outra com o maior desembaraço. Terminando a exibição aérea, pousa de um salto novamente no balcão do bar e continua a dançar, como se nada tivesse acontecido. Daniel nunca caiu (é comum que outros quebrem o nariz ou fraturem um braço), muito menos em cima de um dos clientes.

Sua outra especialidade consiste em recolher com as nádegas as notas de um dólar ou cinco dólares que os presentes mais entusiastas lhe estendem, entre os dentes. Seu traseiro irrepreensível baixa, sempre ao ritmo da música, até o rosto estendido do cliente, e chovem aplausos quando o dinheiro desaparece entre suas róseas e enrijecidas "bochechas".

Como a maior parte da clientela, Daniel parece um atleta universitário ou um trabalhador da construção civil, os dois tipos mais em voga ultimamente. Quando está vestido, é com o uniforme do momento: camisa xadrez e jeans — ou um simples macacão, se estiver muito quente — e botas ou sapatões de operários de construção. Com os primeiros sinais de frio, é obrigatória a jaqueta de couro.

Daniel é ainda bem representativo de um dos tipos de clientes por ser um masoquista, um "escravo" que só dorme com outros homens se tiver permissão de seu "senhor" (que o instrui a cobrar alto). Embora o masoquismo de Daniel assuma contornos pecuniários, ele não é realmente um michê, pois não liga para dinheiro, guardando apenas o de que precisa para suas roupas e badulaques, para o fuminho e o pó. Ele dança freneticamente quatro noites por semana e faz o que lhe mandam porque acha excitante. Aos 22 anos, muito pouco ele ainda não experimentou sexualmente, sendo seus gostos já tão pervertidos quanto pode imaginar a Civilização Ocidental.

Parece difícil acreditar que este rapaz de rosto suave e corpo de nadador leva uma vida sexual mais radical do que qualquer coisa descrita pelo Marquês de Sade. Sua vida, descrita por ele mesmo, parece um interminável filme pornô, mas os episódios geralmente deixam o interlocutor obstruído de julgamentos morais. Embora seja possível excitar-se eroticamente ao ouvir suas aventuras, é difícil julgá-las sem se sentir muito pudico. Os padrões morais convencionais, no caso, passam pela tangente, e os psicólogos se mostram irrelevantes. A pessoa que o ouve não

fica chocada, mas antes intrigada, ou talvez bestificada. Acima de tudo, este rapaz encantador parece alguém muito remoto.

***

Uma vez que se vai ao Anvil, ou a tantos lugares semelhantes, o que se pode fazer para compreender este espetáculo? Alguns, como eu mesmo, são evidentemente apenas a audiência de um drama que só os próprios intérpretes entendem. A intuição não merece confiança, e os julgamentos fáceis nos fazem sentir como turistas. Mas queiramos ou não evitar os julgamentos de valor, uma coisa é certa: a atitude predominante é a de uma estudada masculinidade. Nada de desmunhecadas ou requebros excessivos. A maneira de andar e de falar, o tom de voz, as roupas, a aparência em geral são corretíssimos: estamos em terra de machos. Estamos num lugar rigoroso, onde o indivíduo se destrói em ritual de humilhação sexual.

Na verdade, os jovens homossexuais parecem ter abjurado o efeminamento com universal sucesso. Corpos musculosos laboriosamente cultivados durante todo o ano parecem ser o padrão; a agilidade atlética e cheia de juventude é o estilo adotado por todos.

Mas o fato é que falando-se, dormindo-se ou fazendo-se amizade com estes homens verifica-se que os problemas são os mesmos: infelicidade no amor, solidão quando não se está amando, frustração e ambição no trabalho e um monumental egotismo que exacerba o resto.

O que entretanto difere de tudo mais é a insensível busca da masculinidade. Não há limites: as mais opressivas imagens da violência e dominação sexual são adotadas sem hesitação. Os homossexuais que adotam imagens de masculinidade que veiculam seu desejo de poder e sua crença na beleza dele estão na verdade erotizando os mesmos valores da sociedade **straight** que tiranizam suas próprias vidas. É a tensão entre este estilo e o conteúdo de suas vidas que pede o libertinismo sexual que exibem. Antigamente, a duplicidade das vidas escondidas encontrava alívio no comportamento efeminado excessivo e caricato; agora, a supressão ou negação do problema moral implicado em sua escolha é muito mais nociva.

É esta a mensagem central do mundo das boates machistas: a masculinidade é a única verdadeira virtude; os demais valores são desprezíveis. E a masculinidade, no caso, não é alguma noção filosófica ou um estado psicológico; não está sequer vinculada moralmente ao comportamento. Ela redunda exclusivamente da glamurização da força física.

A idéia da masculinidade é tão conservadora que quase chega a ser primitiva. Que os homossexuais se sintam atraídos por ela, achando-a gratificante, não chega a ser uma surpresa.

Existe um erotismo especial na experiência de fingir degradar-se, e este erotismo não é de forma alguma raro no comportamento sexual adulto de qualquer tendência. O homossexual cujos sentimentos eróticos são exaltados pela ilusão de que o parceiro o despreza, que se emociona quando lhe dizem que seu ânus ou boca parecem uma vagina, está envolvido num complicado processo de auto-ilusão. O que parece ocorrer é uma variação homossexual do masoquismo: o desprezo do parceiro **straight** provoca o auto-desprezo gay, que por sua vez é explorado como afrodisíaco. É menos clara a razão deste processo do que o seu funcionamento.

A complexa vinculação entre a necessidade de degradação e o excitamento sexual — que começou a ser explorada por Freud há mais de 80 anos — parece mais freqüente em sociedades avançadas, onde os costumes sexuais são liberais ou ambivalentes, e onde é muito sofisticada a vida intelectual. Em nossa época, quando as mulheres redefinem seus papéis e imagens, os homens devem fazer o mesmo. Embora os homens **straight** definam suas idéias segundo uma série de parâmetros (força, realização pessoal, sucesso, dinheiro), dois deles sempre se manifestam: suas atitudes em relação às mulheres e à paternidade. Não é mera coincidência que numa mesma década se tenha, por um lado, popularizado a liberação das mulheres e o conceito de que a família nuclear fracassou, e, por outro, tenham os homens voltado a um estilo andrógino e de cabelos longos. Se os homens **straight** estão confusos quanto a sua masculinidade, qual o dilema enfrentado pelos gays, que quase sempre pouco mais fizeram que imitar suas idéias?

Não é acidental que o comportamento machista se destaque sempre nos bares e locais gays dos quais estão totalmente ausentes as mulheres. Enquanto ali se encontram, os homens, naturalmente, estão vivendo como se não houvesse mulheres no mundo. Esta ilusão é útil. Ela permite a alguns, depois de uma investida pelo **fucking room,** escapar ao sentimento de culpa que decorre do desprezo universal pelos homossexuais que se comportam sexualmente como mulheres. Se não há mulheres no mundo, alguns homens simplesmente têm de substituí-las. Ausente qualquer sentimento de realidade das mulheres, o fato de ser sexualmente ativo ou passivo deixa de ser a grande questão.

Na verdade, muitos homens de aparência extremamente viril são os mais liberados na cama, os menos presos a um papel.

Quando o chamado comportamento **camp,** de feminamento extravagante, começou na década de 50 a liberar muitos gays da raiva contra seu próprio modo de vida às escondidas, tornou-se também uma arma, além de uma crítica. O comportamento de imitação grotesca ou ridícula torna evidente a intenção de criticar atitudes machistas, ou posições que as mulheres assumiam ou eram obrigadas a assumir de tal forma que a feminilidade, artificialmente exacerbada, as privava de sua humanidade. Por isto é que as feministas censuram travestis e bonecas que ainda tentam ostentar os escravizantes emblemas do passado. Esta censura seria válida se fosse sincera a imitação dos travestis. Mas estes não têm a ilusão de que são mulheres: só com os que já beiram a loucura isto acontece. Os demais têm um compromisso com a ambigüidade: não são nem homens nem mulheres, e raramente andróginos; a essência de seu comportamento é neutra.

Quando um gay diz a outro: "Roda logo essa baiana, boneca!", está na verdade zombando da pretensão, do excessivo pudor ou do engano sobre si mesmo em que incorre o outro. O comentário, querendo lembrar que o companheiro de bichice não passa na verdade de uma mulher, e provavelmente em posição de desvantagem, pode não ser politicamente louvável, mas por que deveriam os gays ter um especial nível de consciência sobre o sexismo? Pelo menos eles têm um inegável faro a esse respeito; eles imitam as mulheres por compreenderem que são vítimas das mesmas idéias masculinas sobre sexualidade. Gerações inteiras de mulheres se definiram segundo os termos masculinos, e os homossexuais freqüentemente parecem aceitar os mesmos valores.

***

Mas também existe neste tipo de comportamento um dolorido reconhecimento de que não podem atender às expectativas. Eles não podem ser homens no sentido em que os heterossexuais definem a masculinidade; acima de tudo, não podem ser homens porque não dormem com mulheres nem geram filhos. Entre os valores da virilidade que não questionam e o desespero por não terem aparentemente alternativas, os gays exorcizam sua frustração através do comportamento **camp.** Nos Estados Unidos de até alguns anos atrás, não era esta uma maneira particularmente eficiente de acabar com a opressão, mas pelo menos um velado desafio contra uma sociedade que os humilhava.

Um número cada vez maior de gays americanos recorre ao termo "feminista", com respeito a si mesmos, à medida em que reconhecem o que há de comum na opressão que sofrem os homossexuais e as mulheres. Se as mulheres, no passado, provavelmente se desprezavam menos por serem mulheres do que os gays por serem homossexuais, isto acontecia em parte porque as mulheres eram recompensadas por sua submissão, não experimentando, por outro lado, o sentimento de terem traído seu direito à primogenitura. Os homossexuais geralmente desistiam da paternidade e de outras prerrogativas, muito freqüentemente sentindo-se por isso roubados. Eles trocavam a simplicidade de serem opressores

*Continua à página 9*

fálicos por vantagens muito mais duvidosas, ficando patente a sensação de que haviam traído seus mais legítimos interesses. À medida em que mais e mais gays percebem o colapso das idéias convencionais de masculinidade, torna-se mais fácil para eles esquivar-se ao fútil sexismo que partilhavam com os homens heterossexuais.

Infelizmente, os heterossexuais apegam-se com tenacidade cada vez maior a suas definições sexuais. A campanha para "salvar nossas crianças", por exemplo, manifesta claramente, através da hostilidade e da fobia que transmite, o medo de que algumas crianças estarão "perdidas", perdidas para o patriarcado, para os valores do passado, para a perpetuação das idéias convencionais sobre homens e mulheres.

A suposição de que a heterossexualidade é intrinsecamente frágil, de que o mero conhecimento de que algum professor ou qualquer pessoa é gay automaticamente seduzirá esta ou aquela criança decorre do pânico sobre novas idéias sexuais, mas, sobretudo, sobre a identidade das mulheres. Grande parte da atual onda de veemência quanto à defesa das crianças reflete na verdade uma indignação muito mais característica contra as mulheres que tratam de reavaliar suas idéias sobre a criação de seus filhos. Qualquer questão política fica muito mais séria quanto se levanta o problema das mulheres e da maternidade. Dessa forma, não apenas a criação dos filhos, como também a oposição ao aborto obtém um apoio que intriga os liberais dos Estados Unidos. O que estas questões têm em comum é a tentativa das mulheres de se libertarem dos papéis convencionais, e basicamente dos que representam como mães. Esta liberação constitui a primeira onda; a segunda, muito mais perigosa, está sob a superfície: ela exige que os homens se liberem também de suas idéias, já que as principais idéias sobre a masculinidade sempre estiveram relacionadas às nunca questionadas responsabilidades dos homens como maridos e pais.

O principal argumento de Anita Bryant é que os homossexuais deveriam voltar a se esconder. Isto resolveria o problema dos **straights**, já que o que aterroriza é o que se vê. Ser gay sem arrependimento, culpa ou vergonha é o mesmo que demonstrar que **existem** alternativas viáveis aos estilos de sexualidade. Mas a real alternativa para as crianças não é necessariamente a homossexualidade, mas a rejeição das velhas verdades sobre masculinidade e feminilidade.

Ironicamente, os freqüentadores do Anvil não rejeitaram em absoluto essas verdades. Sua nova pseudo-masculinidade é uma resposta direta às confusões de uma sociedade que se aventura no terreno da redefinição da sexualidade. Mas é, à sua maneira, tão reacionária quanto a histeria da campanha de Anita Bryant.

O que é triste sobre os homens das jaquetas de couro é que a passagem para o lado do inimigo não os livrará do opróbio. Quando chegar o dia, eles estarão entre aqueles que a Ku Klux Klan ataca. Parecem estar sendo ignoradas as lições dos negros que renegavam sua negritude ou dos judeus que juravam ser **alemães** assimilados. Para certos brancos, tudo que não é branco é negro; para os nazistas, um judeu é um judeu. Dar boas vindas ao inimigo não o aplaca; muitas vezes, serve apenas para torná-lo mais vicioso, furioso por ver que sua vítima aprova seu escárnio.

***

Para alguns homens, o estilo machão é a idéia que têm do lúdico, uma outra versão do uniforme gay, mas o fato é que de qualquer maneira importa, e muito, como se vai vestido ao baile. Indo como a fada mãe de Cinderela, você pode desrespeitar a lei. Indo como Anjo do Inferno, poderá estar brutalizando sua própria alma.

Não é uma coincidência que nos bares e boates onde se cultiva o gênero machão e nas saunas libertinas a incidência de impotência seja tão alta que já nem chama a atenção, ou que os gays recorram cada vez mais aos brinquedos e **gadgets** do sadomasoquismo. Será acaso irrelevante o fato de que a nova imagem gay da virilidade tem sua mais freqüente ilustração na pornografia?

Mas, perguntarão, e se alguém escolhe tornar sua própria vida pornográfica, o que é que tem? Os tempos já não são para a caridade. É óbvio que se alguém erige noções de propriedade, por mais bem intencionadas que sejam, elas imediatamente serão apropriadas pelas piores e mais coercitivas forças de nossa sociedade. Fica-se então forçado a aceitar todas as opções de estilo; a alternativa consistirá em aliar-se à opressão. Na arena da política sexual, existe a esquerda e a direita. Aqueles que pensam que estão no meio acabarão descobrindo que o centro é a direita.

Importa realmente que certos homens optem por serem os piores inimigos de si mesmos? O que há de notável nesta mais recente versão de uma história tão antiga? Para começar, a coisa toda é tão desnecessária... Pela primeira vez na história moderna parece que existem opções reais para os gays. As bonecas do passado tinham poucas opções, exceto talvez ficar em casa. Não podiam se conformar, embora talvez fingissem consegui-lo. Uma tal maneira de (sobre)viver levava fatalmente ao ódio e ao auto-desprezo. O lado teatral do comportamento **camp** ajudava a preservar uma ponta de sanidade e de humanidade; significava a consciência do próprio desamparo. Voltar ao **huis clos** do machismo é o oposto da consciência. O que mais está ausente do mundo machista das jaquetas de couro é o senso de humor, alguma consciência da ironia das coisas.

Felizmente, os gays são hoje menos indefesos e desamparados do que por tanto tempo foram. E isto vale a pena ser consolidado numa aliança, se não numa comunidade, com as mulheres e com todo o país liberal que apóia a liberdade da escolha pessoal. Uma tal consciência é mais rica do que aquela que celebra as ilusões do poder e da força masculinos, um engano que realmente deixa qualquer um desamparado. A verdadeira determinação de nossas vidas não poderá ser encontrada nas definições do passado; se ela existe e está em algum lugar, ainda não chegou aqui.

*(Este artigo é uma condensação de um trabalho de Seymour Kleinberg publicado originalmente na revista norte-americana Christopher Street, e depois, no jornal Gay News.)*

# *Que história é essa de vestir os nus?*

Muita controvérsia em torno das fotos de Dimitri Ribeiro sobre o verão carioca, publicadas no número anterior. Os comentários vão da acusação feita ao jornal de apresentar os homens como objetos sexuais, aos pedidos para que fotos como aquelas sejam apresentadas com mais freqüência. Só que, neste número, LAMPIÃO, resolveu dar uma de "viagem cultural pelos museus da Europa" e, com a ajuda do mesmo Dimitri Ribeiro, nosso "enviado especial" e fotógrafo, apresenta os resultados dessa viagem. Notem um detalhe: no Museu do Vaticano as estátuas de homens nus não foram hipocritamente veladas com folhas de parreiras ou véus — estão lá, para quem quiser ver. O prazer estético acima de tudo, moçada! Curtam à vontade.

Uffizi, Florença: "Lutadores"

Louvre, Paris: "Hermes amarrando a sandália"

Vaticano: "Apolo do Belvedere"

Vaticano: o popular "Baco"

Vaticano: "Mercúrio do Belvedere"

# Bacanal do esbanjamento

Se a Humanidade e a Civilização sobreviverem aos próximos 50 anos, os historiadores apontarão nossa época como talvez o momento mais anormal de toda a História do Homem e os biólogos considerarão este o momento mais crítico da longa História da Evolução Orgânica. Nunca antes o Homem pode comportar-se como hoje se comporta e nunca no futuro poderá repetir o atual delírio. O comportamento atual da Humanidade pode comparar-se ao do pobre diabo que ganhou o grande prêmio na loteria e que, sem saber o que é capital e como preservá-lo, se encontra em pleno bacanal de esbanjamento, seguro de que a festa não terá fim. A Sociedade de Consumo é uma orgia.

Como tal ela não terá duração. O momento da verdade é inevitável. Estamos agindo hoje como se fôssemos a última geração e a única espécie que tem direito à vida. Nossa ética, que não abarca os demais seres, não inclui sequer os nossos filhos.

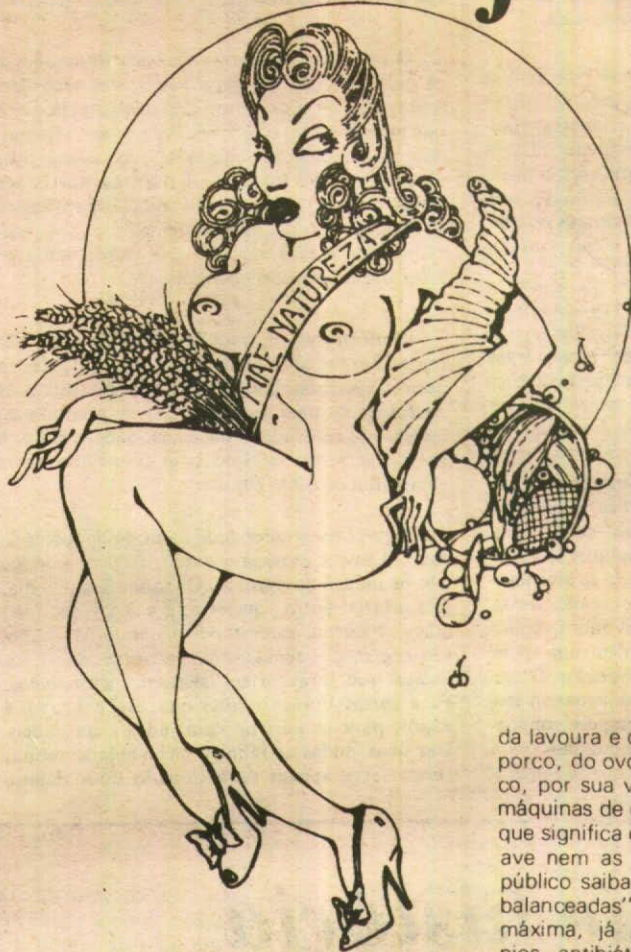
Nossa megalofilia nos cega diante dos limites das coisas. Adoramos a quantidade pela quantidade e perdemos de vista os aspectos qualitativos. Com isto chegamos a uma perfeita inversão de alvos. A tecnologia, cuja verdadeira função seria a de escravo do Homem, já se tornou seu soberano. Tão cegos e alienados estamos que aceitamos de bom agrado esta escravidão. Um delegado brasileiro nas Nações Unidas, em discussão sobre a problemática demográfica, ilustrou acertadamente esta atitude ao afirmar que o Brasil necessita de mais população e de maior densidade de população para, note-se bem, criar mercado para as indústrias de bens de consumo. Não mais a tecnologia para suprir as necessidades do Homem, mas o Homem para atender as necessidades da tecnologia.

A atual forma de sociedade industrial, para funcionar eficientemente, necessita ou crê necessitar de crescimento exponencial constante. Para manter este crescimento, utiliza um vasto aparelho publicitário, apoiado em uma maravilhosa tecnologia de comunicação em massa que, por sua vez, se serve dos mais sofisticados truques psicológicos para incutir nos hábitos de consumo que só merecem o qualificativo de irresponsáveis, hábitos nunca vistos em sociedades anteriores e insustentáveis no futuro. Apelando à frivolidade, à vaidade e à ânsia de simbolizar "status" fictício, criam-se necessidades fúteis e artificiais que em nada contribuem para a verdadeira felicidade humana e que, muito ao contrário, estão na base de muita frustração desnecessária.

Com isso multiplicamos nosso impacto ambiental muito além do que exigiria a explosão demográfica. Gastamos mais matéria-prima, destruímos a natureza, poluímos mais do que seria necessário para a sobrevivência e qualidade da vida. Basta pensar no esbanjamento irracional de papel. Quanto bosque permanecerá em pé, quanta poluição poderia ser evitada, quanto lixo deixaria de enfeiar nossas ruas e praças, se nossos jornais fossem de tamanho razoável, se usássemos só os invólucros estritamente necessários, se os escolares usassem completamente seus cadernos, se a publicidade servisse a finalidades sãs, se reciclássemos sempre que possível todo papel usado? Afinal, quem consegue ler de ponta a ponta um jornal dominical com trezentas páginas?

Além da criação de necessidades fictícias, as necessidades reais são atendidas de maneira a maximizar os custos em recursos e em poluição. A garrafa de leite ou da cerveja significa uma fração apenas do impacto ambiental do saquinho plástico ou da lata de alumínio de um só uso. Todo objeto de um só uso significa esbanjamento criminoso de preciosa matéria-prima, além de criar detritos desnecessários, tanto no processo de sua fabricação, como no lixo após o uso. Até seringas, isqueiros e objetos de precisão já são feitos para um só uso.

Toda fabricação industrial, inclusive a fabricação de muita máquina de ferramenta, segue hoje a filosofia da "obsolência planejada", ou envelhecimento premeditado dos produtos. As coisas são feitas para não durar, porque pretende vender mais. Quem se atreve a criticar este estado de coisas é acusado de querer o desemprego. Mas, se produzíssemos apenas aquilo que realmente necessitamos e se os produtos fossem duráveis, poderíamos todos trabalhar menos e dedicar mais tempo a atividades realmente humanas, atividades intelectuais, artísticas, recreativas, sociais. O resultado seria também um mundo materialmente melhor, menos degradado. Talvez também sobrasse mais para a maioria que não pode participar da orgia... A decisão é técnica, é política, moral!

No Brasil, chegamos ao extremo de importar obsolência planejada numa situação de mercados não saturados. Com substancial parte da população lutando ainda pela simples sobrevivência, já fabricamos objetos destinados diretamente à lata do lixo. Quando ainda tínhamos que esperar meses para obter um carro novo, já se mudavam os modelos e os automóveis eram entregues com tantos defeitos, pré-projetados e material inferior que o proprietário, após três ou quatro anos e após enormes gastos de oficina, já sentia necessidade de comprar um carro novo. Quanto acidente, quanta multidão, quanta morte não se deverá à tecnologia propositadamente imperfeita? Refrigeradores, aparelhos domésticos, até nossas moradias, tudo é produzido dentro do esquema de uso limitado, para consumo sempre novo. Logra-se o cliente que trabalha duro para obter o dinheiro e pagar o crédito e que crê receber algo que corresponde ao último estado da técnica e espoliamos as gerações futuras, cujas matérias primas criminosamente esbanjamos.

A nossa alimentação, que bem mereceria ser tratada como coisa sagrada, é vista como simples matéria-prima a ser manipulada no interesse do manipulador, não do consumidor. Pela refinação tiramos do trigo o que de mais valioso tem, as proteínas, vitaminas e sais minerais; com "branqueadores", "estabilizantes", "antioxidantes", "corantes" ou "aromatizantes" e "flavorizantes" sintéticos damos ao pão, bolos e doces aspecto vendável. Aquelas poucas pessoas ainda conscientes do verdadeiro valor dos alimentos, que preferem o pão integral, conseguem evitar um perigo, mas incorrem noutro. O grão integral traz mais resíduos de pesticidas da lavoura e do silo. Normalmente através do porco, do ovo da galinha. A galinha e o porco, por sua vez, são encarados como meras máquinas de engorde. Sem falar na crueldade que significa o maltrato da gaiolinha em que a ave nem as asas pode abrir, é bom que o público saiba que as rações "cientificamente balanceadas" para crescimento e produção máxima, já contêm rotineiramente hormônios, antibióticos, arsenicais e corantes para uma gema bem amarela.

Quando ficou claro que o arroz polido era alimento incompleto, o lógico teria sido a volta ao arroz integral, com película intacta, aliás muito gostoso. Mas isto teria significado uma manipulação a menos. Mais qualidade por menos dinheiro, que heresia! Inventou-se então o arroz malekizado. Este se faz uma manipulação a mais. Mais faturamento, é claro.

Mais importância que à qualidade biológica, damos à produção quantitativa máxima na lavoura e à durabilidade na estante do supermercado. Qualidade biológica é conceito que não tem vez no contexto tecnológico. Por isto, tudo leva seus aditivozinhos. Estes aditivos, é certo que não nos matam na hora. Tal não seria econômico.

Para grandes mortandades de peixes se encontram sempre desculpas, massas de cadáveres na rua seria outro problema. Assim, os aditivos não passam daquelas concentrações que ainda não produzem sintomas imediatos. Os estragos crônicos, a lenta destruição do fígado, baço, rins, o descontrole do sistema imunológico e hormonal, as alergias, o câncer, todos levam tempo para aparecer. Quem vai poder queixar-se, e contra quem? O Homem tem hoje bom controle das enfermidades infecciosas, mas aumentam vertiginosamente as doenças degenerativas. Câncer, enfarte, derrame e outras já atingem dimensões epidêmicas. O pior está por vir!

Dentro do conceito de que a Natureza aí está para ser consumida, é natural também que ninguém tenha respeito pelo real valor dos recursos. Progresso é tudo aquilo que economiza salários e aumenta os lucros. Assim, o papel carbono de um só uso é considerado vantagem. Não contabilizamos o maior esbanjamento de papel. Poucos conseguem ver que a vantagem está só com o industrial. Privatiza-se o lucro e os custos ambientais são socializados. O público paga na poluição e na futura escassez. Encurta-se a vida da Ecosfera e da Tecnosfera também. Certamente deixaríamos perplexos seres inteligentes extra-terrestres que nos pudessem observar com desprendimento.

Um capital insubstituível só se destrói uma vez. Os recursos bióticos, minerais e energéticos, dos quais tão prodigamente se serve a Sociedade de Consumo, são o resultado de longa evolução geológica e orgânica que não tem retorno. As matérias primas que dissipamos, o petróleo que queimamos, as espécies que apagamos nunca voltarão. Fôssemos espécie realmente racional, não poderíamos estar agindo da maneira como estamos agindo.

**José Lutzemberger**

# Bixórdia

## Procura-se: vivos ou mortos

Os quatro cidadãos da foto foram sem nenhuma dúvida os que mais contribuíram, neste ano que passou, para manter viva e perene, em todos os lares brasileiros, a única imagem de homossexual que o sistema admite: aquela do achincalhe, do deboche, da bicha louca, doentia e histérica que Renato Aragão, Muçum, Dedé Santana e Zacarias sabem imitar tão bem. É por isso que os quatro podem se expandir livremente, fazendo a cada domingo seus esforçados travestis, sem o menor problema com a censura habitualmente tão zelosa: ao ridicularizar os homossexuais, os Trapalhões ajudam a tranqüilizar os atormentados corações da maioria silenciosa e assustada, e assim, prestam um grande serviço ao **establishment**. Portanto, pessoal, pau neles, principalmente em Zacarias, (a direita) o mais talentoso de todos. Tão talentoso que quando faz um travesti, parece que está falando do sério...

## *Eis o Homem*

**Para compensar a publicação do fato do quarteto sinistro aí de cima, aí vai um boneco: Celsinho Cury, que se a gente tivesse entrado nessa de fazer concurso, teria sido escolhido a Personalidade do Ano. Envolvido num processo que a essa altura assume proporções kafkianas (nenhum juiz quer firmar jurisprudência neste delicado terreno da** moral **e dos** bons costumes), **Celso continuou na sua: batalhando a sua vida, sem arredar um milímetro de suas convicções. Para nós, lampiônicos, a sua luta solidária contra dogmas que datam de 1946 (os critérios do que seria atentatório à** moral **e aos** bons costumes, **firmados naquela época, nunca foram alterados, e estão, portanto, 33 anos atrasados) serve como uma lição. Aí, Celsinho!**

Atenção, *Roberto Moura:* se você continuar mexendo com a gente, vamos dizer pra todo mundo que sua bagagem não se mede em centímetros, mas sim, em milímetros. Pra ser mais claro: vamos dizer que no seu guarda-roupa não existe o menor sinal de mala, e que tudo o que você possui cabe numa ridícula frasqueira, daquelas que os menininhos do jardim da infância usam para guardar seus lanches. Olha que nós somos mauzinhos, hem?

Deu no **Pasquim**: "A polícia está querendo enquadrar o mensário guei LAMPIÃO por atentado à moral e aos bons costumes. Audácia dos bofes! Contem com a nossa solidariedade, queridinhas. **Jaguar.**" É isso aí, Jaguarette. Tudo o que a gente espera é se comportar com a mesma classe de vocês em episódios semelhantes. Aliás, pessoas maldosas costumam dizer que a gente — LAMPIÃO — e vocês — os outros nanicos — rema em direção contrária. Mas como é possível remar em direções contrárias, quando se está no mesmo barco?

*Cena Paulista*— Ao sol do meio-dia, uma equipe de pedreiros completa o calçadão do centro da cidade quando a bichinha passa, vê o cimento recém-colocado e, num ímpeto hollywoodiano, imprime os pés e as palmas da mão na massa fresca. "Passei para a posteridade!", diz ela eufórica. E some saltitante sob o olhar espantado dos operários.

*Já fechávamos este número quando uma esbaforida Rafaela Mambaba invade a redação: "Vocês sabem da última? O Walmir Ayala está cavando para ser diretor do Museu Carmem Miranda a partir de março." Depois de um minuto de perplexidade alguém pergunta: "Mas ele não é crítico de arte?" Ao que retruca a danadinha: "E o apelo das origens, não conta?"*

# TENDÊNCIAS

## o show

### Convite para jantar

O pessoal da foto pertence ao grupo Tarsis, criado em 1977. São compositores, músicos e cantores que, embora sem nenhum disco ainda gravado, vêm desenvolvendo um trabalho sério de criação, desenvolvimento e divulgação de sua música, sendo responsável pela criação do horário musical das 24h, às sextas e sábados, no Teatro Opinião, no Rio. Anteriormente eles se apresentaram num show intitulado Visando às Raízes. Neste mês de janeiro — de 3 a 15 —, eles se apresentam num show de título bem mais ao gosto de LAMPIÃO: Jantando a louça, outra vez no Teatro Opinião. O pessoal do Tarsis é gente muito boa, por isso nós recomendamos o seu show. Ainda mais que a programação visual coube ao nosso ouriçadíssimo e lampiônico Billy Accioly. Vamos lá.

## o disco

### *Atenção, Marias Travoltas*

A boate **Sotão,** ao que parece, entrará novamente nas paradas de sucessos com o lançamento nas lojas de discos do segundo elepê com o seu nome, agora prensado pela gravadora IBC, com seleção de repertório e mixagem a cargo de D. J. Silvinho. Como tanto aprenciam os freqüentadores da casa, as músicas escolhidas são todas de som **discotheque.** Destacam-se **Belly to Belly,** de P. Bellote e Kreeman, cantada pelo Speed Limit; **Stop Telling Lies,** de R. Hatchi, Chalkitis e Swirid, com Hurvicane Fifi, e **Canalha,** de Carlos Loti e Tito Madine, com Chakachas. Meus ouvidos e pés lampiônicos apreciaram principalmente esta última faixa, muito bem inserida no contexto **salsa** da música-**disco;** seu toque de **latinidad** é muito bem curtido pelo pessoal que aprecia esse tipo de música, tanto que um dos maiores sucessos nas discotecas gueis, atualmente, é o velho **Mambo Jambo,** numa versão atualizada, cheia de maracas eletrônicas e bongôs muggianos.

O pessoal do pedaço vai identificar de saída o disco nas lojas, não só porque ele leva o nome da boate, mas também porque o autor da capa, Jô de Souza, bolou um desenho de forma a "não deixar a menor dúvida": nela, aparece apenas a parte mais importante do corpo de um objeto sexual masculino, ou seja, o **zipper** entreaberto. Além de um lançamento especial na boate, o disco terá lançamentos nas lojas Sunset, no Rio, para os quais estão sendo convidados os **guei-dancers** locais. É isso aí: não é preciso ir muito longe para descobrir que, em nossa sociedade de consumo, o mercado guei, praticamente inexplorado, ainda vai dar muito lucro a quem se disponha a explorá-lo sem preconceitos. Que se lançem mais discos como este.

**Adão Acosta**

## Bandido na Galeria Alaska

**O ano de 1979 começa bem, no Rio, com a inauguração do novo Teatro Alaska, naquela que Agnaldo Timóteo imortalizou como "a galeria do amor", e com um *show* muito apropriado: *Bandido*,. com o mocinho Ney Matogrosso. O Alaska até pouco tempo atrás era um cinema que, com suas fileiras de poltronas em forma de arquibancadas, servia para amenizar o sentimento de culpa de muita boneca: elas tropeçavam no lance mais alto e vinham rolando até a tela. A gente não sabe como é que está o ex-cinema, agora teatro, mas a sua *geografia* não deve ter sido muito alterada. De qualquer forma, valerá a pena ir ver o *show* do Ney-bandido, que estréia no dia 3.**

***Bandido*, é bom insistir, é o *show* através do qual Ney continua a promover seu disco, que teve a infelicidade de emprestar uma de suas faixas — *Não existe pecado ao sul do Equador* — para a trilha de uma das novelas mais nádegas que o público televisivo-masô já teve o prazer de ver. Mas no disco tem outras faixas, todas muito ao gosto do público do Ney. Vamos ao *show*, que o rapaz dos lábios de carmim é um barato. (*Aguinaldo Silva*).**

# o livro

## *Dimas Schittini: "Blow-up"*

Os fotógrafos de LAMPIÃO da Esquina são todos ativíssimos. Só no mês de novembro, Dimitri Ribeiro fez um tremendo sucesso na Bienal Latino-Americana, e Billy Aciolly andou dando um curso de cinema de animação na PUC. Agora, em dezembro, é a vez de Dimas Schittini. Ele lançou dia 12, durante uma movimentada noite de badalação na boate Aquarius, seu livro intitulado *Fotografias*. Vinte e cinco aninhos, quatro de profissional e muito trabalho pela frente, Dimas não faz por menos (e *Fotografias* está aí, para quem quiser ver): utiliza figuras conhecidas como modelos, transfigurando-as, transformando-as em personagens bizarros de um mundo quase circense. Vejam o que ele fez com as três senhoras — Consuelo Leandro, Vanusa e Stela Splendore, a ex-Senhora Dener, com a filha Maria Leopoldina — cujas fotografias são aqui reproduzidas e comprovem: Dimas não é gênio?

Maria Stela e Leopoldina

Vanusa

Consuelo Leandro

# A Lapa, com muito amor

Já houve quem dissesse que a Lapa, mais que o foco de boêmia até hoje tão lembrado, foi apenas um estado de espírito ferozmente cultivado pelos seus freqüentadores mais habituais, que, à falta de uma Pigalle cabocla, resolveram imaginá-la de acordo com o original parisiense. Eu alcancei a Lapa de fim de carreira, de 1964 a 1970, e o que vi por lá foi muita miséria humana, aquela que sempre foi matéria-prima de grandes escritores mas que nunca agradou a turistas. Gasparino Damata, muito mais versado em Lapa do que eu, não chega a ser um dos fanáticos cultores do "estado de espírito" que a transformou na Pigalle tupiniquim, mas reconheceu nela encantos que justificaram o seu trabalho ao organizar essa Antologia da Lapa, agora em segunda edição.

Um livro que, se cheira principalmente a nostalgia, também cede suas páginas à denúncia: Gasparino não vê nenhum lirismo na destruição progressiva da memória do Rio de Janeiro, e deixa bem claro que a máfia da especulação imobiliária, mais que a necessidade de abrir novas passagens para os automóveis, pode estar na raiz da destruição do "ponto mais central do antigo Distrito Federal": — Nos próximos dez anos — diz ele —, quando muito só restará da velha, da pecaminosa Lapa uma ou outra casa térrea ou assombrada, esmagada entre os edifícios que invadiram suas ruas circunjacentes. E em muito menos tempo, uns cinco anos no máximo, a velha Rua da Lapa, de todas, talvez, a mais desfigurada, terá, em substituição às poucas casas que ainda restam, duas cerradas fileiras de arranha-céus.

Um dos chamados boêmios da Lapa — esta mesma que, na minha opinião, nunca existiu —, Gasparino, neste seu livro, teve o bom senso de não se lançar apenas contra os moinhos de vento da construção civil; ele fez uma espécie de inventário da Lapa enquanto inspiração para nossos escritores, reunindo o melhor do que, ao longo de 50 anos, se escreveu sobre o bairro. Assim, temos neste livro um respeitável time de autores. Para citar apenas alguns: Drummond, Bandeira, Lúcio Cardoso, Di Cavalcanti, Hélio Pólvora, Vinícius de Morais, Eneida, Luís Martins, Henrique Pongetti, Joel Silveira, Antônio Maria, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis etc. etc. e muitos outros etc., dos quais, por fim, o último, modestamente, sou eu: coube a mim descrever a destruição da Lapa, já que, dos escritores que nela viveram, eu fui o último a sair, expulso, ao mesmo tempo, pela polícia e pelas picaretas dos operários que se apressavam em demolir o sobrado onde eu morava.

A Lapa, como todos sabem, foi sempre uma espécie de território livre, onde a repressão não tinha vez. Neste sentido, é possível que seu maior símbolo tenha sido mesmo Madame Satã, que conseguia transformar uma briga com uma guarnição de soldados da Polícia Militar numa coisa altamente sensual. — Madame batia amorosamente em todos eles, batia e batia até que os fazia correr. Infelizmente Madame Satã morreu e sua Lapa foi destruída e a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, com os arranha-céus que vêm substituindo o que ela tinha de bom, vem se tornando progressivamente sufocante e repressiva. Aos saudosos, tudo o que resta é curtir trabalhos como o de Gasparino e o time de autores que ele reuniu. (Antologia da Lapa (Vida boêmia no Rio de Ontem), Gaspariano Damata. Editora Codecri, 2ª edição.)

**Aguinaldo Silva**

## *"Mulheres da vida" em flagrante*

Foi um acontecimento o lançamento de **Mulheres da Vida**, antologia de mulheres-poetas organizada por Leila Míccolis, na Livraria Muro, em Ipanema, no Rio. Badalações-mil, comandadas pela própria Leila, à frente de um time que tinha como capitã a **divine** Norma Bengell, uma das poetas em questão. Mas a foto acima não é do lançamento no Rio, e sim do anterior, em São Paulo. O responsável pelo flagrante de descontração foi nosso colega Henrique Neiva (mas um fotógrafo nas águas de LAMPIÃO....), e suas vítimas são, a partir da esquerda: o fero João Silvério Trevisan (é ele mesmo, pessoal!), o terno Glauco Mattoso, e a responsável por tudo, Leila Míccolis. Pois é, meninos e meninas, **Mulheres da Vida**, um lançamento da Vertente Editora (ai! o Wladir Nader...) já está em todas as livrarias. Comprem correndo.

CARTAS NA MESA

# "Gaúcho: uma carta do cárcere"

Senhor Antônio Chrysóstomo, em primeiro lugar, desejo-lhe bastante saúde junto com seus familiares e amigos. Senhor Antônio, não lhe conheço pessoalmente, ou talvez não me lembre que lhe conheço, pois tive a oportunidade de ler uma reportagem sua no jornal da LAMPIÃO da Esquina (ano 1, n.º 1, de 25 de maio a 25 de junho deste ano), a qual vinha o meu retrato falando "Cinelândia, Alaska, São João" e, em destaque, "as relações perigosas". E ainda: "Este é Gaúcho, um rapaz de vida fácil. Ele matou um homem a socos e pontapés." Bem logo após, na página 4, "Os Caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação".

Li toda a reportagem com atenção e respeito, e lhe digo de coração, senhor Antônio, que se hoje vivo preso entre grades de ferro, abandonado pela família, foi em não ter confiança em mim, pois se eu usei meu corpo para ganhar dinheiro, falo-lhe sinceramente que tenho pena das pessoas que vivem na prostituição masculina aqui no Rio, São Paulo, Porto Alegre, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Belém do Pará, Manaus e outros Estados do Brasil que eu conheci e onde vivi na prostituição por seis anos. Tive relações com uma série de pessoas de gabarito, da sociedade burguesa, e tive relações com travestis, viados de baixo nível cultural, o que lhe pergunto, senhor Antônio: Por quê? Bem, esta pergunta — por quê? — lhe digo sinceramente, senhor Antônio, não sei responder, pois me sinto tão culpado pelo que fiz que não tenho coragem de responder.

Bem, me chamo Luis Fernando Souza da Silva, filho de I.C.S. e G.A.S., nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 5 de junho de 1957. Sei que o senhor não é policial, mas quero me identificar por carta, pois se o senhor achar que estou lhe mentindo ao lhe escrever, peço-lhe que entregue esta carta ao delegado Ary Mendes, da 13.ª DP, de Copacabana, para que ele faça algo à minha pessoa, se achar que eu estou errado.

Senhor Antônio, gostaria muito de conhecer a sua pessoa, pois tenho tanto que falar a respeito do meio que eu freqüentei por seis anos, tive paixão por uma pessoa, a qual chorei quando terminamos o nosso caso. Essa pessoa está viva, mora em São Paulo, é amiga do falecido Dener e amiga do Raul, dono da boate La Licorne e do Escarabocchio, perto do Hotel Hilton, enfim, esta pessoa se chama Sofia. Tenho certeza que se Sofia souber que eu estou preso fará alguma coisa por mim, pois ela gosta de mim, fui eu que abandonei o seu apartamento, eu não tenho coragem de escrever para ela, pois ela talvez até se mate ao saber que estou preso aqui no rio.

Senhor Antônio, não tenho culpa de matar um homem, pois eu estava drogado e sou dependente de tóxicos. Há nove anos que sou viciado, mas graças a Deus estou me regenerando, pois em primeiro lugar quero apagar os erros que eu cometi, quero voltar a conviver com a sociedade novamente e preciso de ajuda, pois estou preso há oito meses sem visita, não tenho uma pasta de dente, um sabonete, não tenho ninguém para me ajudar. Não quero que o senhor me ajude, mas, por favor, telefone para São Paulo para a Sofia, pois ela vai lhe dar a maior atenção dentro do respeito, pois sou humano, quero parar com o tóxico, preciso de apoio.

Passo noites e noites sonhando com o crime que cometi, como o ódio que os jornais em manchetes, demonstram a meu respeito, sou dependente, mas vou vencer com o meu próprio esforço, quero esquecer que fui um pobre menino velho, quero esquecer que o meu corpo foi usado para ganhar dinheiro, quero esquecer que matei um pai de família, quero esquecer de tudo, para limpar a minha alma podre e fracassada, para que um dia eu possa lhe dizer, Senhor Antônio, que sou gente, sou humano, estou regenerado e com vontade de trabalhar e viver em paz comigo e com todos. a) L.F.S.S., 18 de novembro de 1978.

R. — *Meu caro Gaúcho, a sua carta nos deixou muito grilados. Houve quem nos acusasse de sensacionalismo, por falar do seu caso no jornal, mas nós não nos referíamos à sua pessoa especificamente, e, sim, à engrenagem que leva rapazes como você a praticar esse tipo de coisas. Você diz que não sabe por que usava o próprio corpo para ganhar dinheiro; talvez você não saiba por que a razão disso tudo não está dentro de você, mas nas coisas que o cerca. Você acrescenta que apesar da prostituição, da droga, da violência que praticou, foi capaz de amar; nós acreditamos que sim, porque — apesar de tudo isso — sempre sobreviveu o ser humano que existe por trás dessa roupagem que lhe impuseram. Você pergunta o que poderíamos fazer por você; por você apenas pouquíssima coisa; talvez nada.*

*O que a gente está tentando é discutir as coisas que levam as pessoas a agir como você; o tipo de conduta repressiva dentro da qual tentaram enquadrá-lo, e que o levou a criar razões para justificar a sua preferência sexual, e que o tornou um revoltado consigo mesmo, a tal ponto que você acabou por matar um homem (segundo o noticiário da época, tudo começou quando você chamou este homem, a quem nunca vira antes, de veado; drogado como estava, a quem você queria realmente ofender, naquela hora?). Não, Gaúcho, nós não temos o direito de isolar você numa proveta e depois julgá-lo, porque o seu caso é mais que um caso isolado. Em todo caso, podemos procurar Sofia e lhe transmitir seu apelo. Temos certeza que ele ficará solidário com você.*

## Mas que (*) é esta?

Sendo eu leitor do conceituado LAMPIÃO, venho por meio desta tentar alguns esclarecimentos: o que significa a palavra gay? Eu conheço homossexual. Se *gay* está enquadrada nesta categoria, pergunto eu, então: porque esta avassaladora, vergonhosa e humilhante onda de discriminação? Por que o jornal mantém esta política de grupo tão privado, de grupo tão selecionado? Ou somos todos ou não somos nenhum!

A bicha pobre da Avenida Ipiranga ou da Cinelândia ou da Praça Tiradentes ou da Praça da República não será homossexuais iguais àquelas que na semana de carnaval desfila suas plumas e paetês nas passarelas de luxo? Não será *gay* também? Para mim todos são!

Eu, apenas, não admito escrotidão; então, eu me afasto, porém eu não poço dizer que não sou! (...) Vocês não estão acompanhando o tempo? Não chegaram à conclusão que muita etiqueta, muita classe não está mais dando certo? Nem mais nos mais respeitáveis salões!

Vamos meter a cara na rua; vamos dar um passeio, vamos a um bar entendido; teremos que fazer o que? Sair com sapato, calça, blusão, dinheiro e documentos na bolsa capanga: tia Cleide chegou, não quer saber: "vocês são viados? Entrem no camburão". Não é assim? Discriminar aquelas que freqüentão o cine Marrocos no Rio ou o Art Palácio em São Paulo é pura inguinorância. Porque vocês não falam da péssima programação que o cinema impõem aos seus freqüentadores, em sua maioria *gays* ou homossexuais, como vocês queiram? Ou vocês desconhece? Eu não; pois quando morava na Europa — eu falei *morava* —, tive a oportunidade de comprar o guia para homossexuais e entre vários endereços do Rio e São Paulo está catologado o Iris e o Marrocos. Pela atitude que vocês mostram, sempre omissas, tudo leva a crer que quem freqüenta as referidas casas de espetáculo são consideradas escrotas. Só vocês é que têm classe... Mas vocês não mostram nada!

Vocês agora adotaram uns certos nomes para descriminar outros. Andar com a cara pintada agorá e "andrógino"; sair pelas ruas aos gritinhos com brincos, saltos altos unhas pintadas e um coração desenhado nas bochechas é *gay*; bicha, não é! Que p..... é esta? Pra mim tudo é igual, a questão é assumir, mostrar educação classe categoria e valor e cumprir suas obrigações, coisa que muita gente deixou de cumprir comigo!

Me descriminar porque? Será que quando eu, a dois anos atrás desembarquei no Galeão, não fui levado para a sala Vip? As câmaras das tevês não estavam presentes? Os mais conceituados fotógrafos jornalistas repórteres lá não se encontravam? Seu Darcy Penteado só agora resolveu se desencubar — porque só agora? O Aguinaldo Silva (Hum! Que linda reportagem na Manchete com o fardão da Academia Brasileira de Letras... Conseguiu entar? Era tão grande o seu desejo!...) esqueceu do Roberto? Hum! Mais que tanta preocupação que eu tive quando ele entrou em cana em sua casa na Lapa, denunciado por um marginal; agora ninguém quer se misturar!!!!

Segundo os astrólogos, as pessoas do Signo de Aquário são possuidoras de uma sensibilidade incomum.

Queridas, vocês escrevem livros, pintam retratos, donas de antiquários; enfim, labutam nas artes em geral; organiza-se e faz um jornal; procuram manter aquele círculo fechado; está divino e maravilhoso; agora não me venha com esta de que estão escrevendo no jornal em prol homossexualismo, vocês não estão fazendo nada pelas bichas pobres! É melhor pegar o jornal e vendê-lo nos seus salões privados ou nos seus cículos andróginos. Vou me despedir com um lembrete: não será o Globo nem a Húltima Hora que irá escrever em suas páginas que a refrigeração e a programação dos nossos cinemas andam péssimas. P.S.: Nas horas vagas ouça a música "Não se esqueça de Mim", de Roberto Carlos)

**Bailarino Roberto Ferreira — Padre Miguel.**

R. — *Não se preocupe conosco, Robertixa: mal lemos tua carta, corremos todos ao terreiro da Vovó e lá tomamos um banho de* descarrego. *Cruzes!*

## Vivas a Lutzemberger

Achei maravilhoso o artigo de José Lutzemberger no n.º 7 de LAMPIÃO. Com ele, o jornal abriu mais uma frente, na sua linha tão apregoada de tratar de assuntos que, na grande imprensa, não têm o destaque merecido. Para os grandes jornais, a ecologia é apenas uma extravagância, uma mania de pessoas esquisitas. Continuem com o Lutzemberger, e tragam outros ecologistas para colaborar com o jornal. **J.L.T. — Campinas, SP.**

Pessoal: não entendi bulhufas desse artigo sobre a tal ecosfera. Que negócio é esse? O homem é muito especializado, muito alto astral pro meu gosto. Sei que ele está denunciando uma coisa gravíssima, mas não seria melhor que os leitores do LAMPIÃO, nessa história de ecologia, começassem do bê-a-bá? **Ana Carolina Arruda — Blumenau, SC.**

É emocionante ver que uma pessoa séria como José Lutzemberger resolveu colaborar com o nosso jornal. Ele é uma das figuras mais bacanas desse país, atualmente. Ele está numa boa, com sua briga em favor da natureza, e nós, que somos injustamente acusados de praticar atos contra ela (sic), devemos apoiá-lo, pois, na medida em que ele esclarece os homens, denunciando suas verdadeiras deformações, ele nos ajuda na nossa causa. Neste sentido, a publicação do artigo dele junto com o do Darcy Penteado foi um achado. Os homossexuais não reprimem o seu desejo; se o fizessem é que estariam agindo contra a natureza. **Anormais** são os que poluem, os que destroem o meio ambiente sem o menor respeito para com as gerações futuras. Lutzemberger é quente; um viva para ele. **Marcos Wanderley — Olinda, PE.**

Homossexuais, mulheres, negros, índios, e agora a ecologia. Eta, ferro! O jornaleco está cada vez mais iluminado... Haja LAMPIÃO para tanto lance! Continuem, meninos. **J.M. Maciel — Curitiba — Paraná.**

## *Classificados sem caráter*

**Procura-se japonês —** Onde estão vocês, nisseis da Paulicéia? Quero conhecê-los, trocar selos, postais, santinhos e catecismos. Ou algo mais interessante. Tenho 27 junhos, cuca livre e ótima formação contracultural. GLAUCO, Caixa Postal 45.388, 01000, São Paulo, SP.

**Obra de arte —** Vende-se quadro de Lula Cardoso Ayres. Para quem gosta do pintor, é um bom prato. Negocia-se também gravuras de José Altino e xilogravuras de Djanira. Tratar pelo telefone 205-0318, pela manhã.

**Carioca,** 26 anos, está a fim de papo com pessoas de todo o Brasil. Curto qualquer papo, menos política. Adoro arte em todos os campos. Amo a natureza. Amo amar. Minha cuca atualmente anda leve e solta. Beto Coelho. Travessa Areal, 147, Barro Vermelho, São Gonçalo, Rio de Janeiro. CEP 24.400.

**Livros gueis —** Bibliografia completa sobre o assunto em português, com dicas de livros em inglês, francês e espanhol. Cr$ 100,00 a cópia. Pedidos pelo reembolso postal. Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro, RJ.

*Para anunciar nesta seção, basta mandar o texto completo, junto com cheque ou vale postal no valor total do anúncio. Cada palavra custa Cr$ 3,00. O Conselho Editorial se reserva ao direito de não publicar o anúncio. Nestes casos, evidentemente, a quantia enviada será devolvida.*

# CARTAS NA MESA

## Londres, Rio, Porto Alegre

Primeiramente quero congratular-me pelo lançamento deste jornal que, com certeza, será muito difundido no exterior como no Brasil. O n.º de dezembro está realmente interessantíssimo no seu conteúdo, englobando diversos assuntos que interessam aos mais variados gostos do nosso querido grupo homossexual. Parabenizo-lhes pelo brilhante trabalho de fotografia realizado neste jornal em que o fotográfo mostrou a beleza física do homem exibindo toda a sua garbosidade em Copacabana. Outra opção é a inclusão de um cantinho de leitores reservado a críticas e opções de renovação de assuntos, incluindo também a comunicabilidade dos homossexuais. Com um forte abraço,

*Felipe Oliveira __ Rio*

Apesar de morar numa grande metrópole (1), só agora, tão tardiamente, tomo conhecimento da existência de LAMPIÃO (recebi seis exemplares de um amigo carioca). Após a surpresa, devorei cada exemplar como o mais apetitoso dos pratos. Finalmente, um jornal à altura do entendido que se preza. Pouca frescura e muitas verdades. Clodovil e Norma (*vide entrevistas n.º 3 e 4*) sabem como dizer as coisas. Há muito sou admirador de Darcy Penteado. Mais ainda, um apaixonado por este homem maravilhoso. Uma coisa não consigo entender: o porquê de LAMPIÃO não ser exposto em nossas bancas de revistas. Vi, li e gostei imensamente. Continuem dentro do padrão inicial e divulguem mais esta jóia do intelecto gay. Unidos, solidificamos uma melhor posição. Eu não admito a marginalização,

*Walter X. __ Porto Alegre*

Gente! Nós ficamos assim assadas quando recebemos por um amigo o número cinco desse fabuloso LAMPIÃO da Esquina. Ah! Que nervoso! Que vontade de voltar correndo para apertar e beijar todos vocês. Daí, falei: — hoje eu escreverei. E tô aqui, ou melhor, nós estamos, com sugestões, pedidos e com amor no coração. Nossos pedidos se resumem a um: gostaríamos muitíssimo se vocês pudessem nos enviar o número três (que tem a entrevista com Norma Benguell e alguns textos maravilhosos), de que até então só ouvimos falarem muito, como também, queremos saber se há possibilidades de vocês aceitarem o pagamento da assinatura (que iremos fazer logo que chegar a resposta desta) em libras, juntamente com o número extra já mencionado. Nossas sugestões: ao lermos lampião, ficamos satisfeitas com tanta abertura, com tamanha autenticidade, porém sentimos falta de alguma coisinha para relaxar, achamos LAMPIÃO dose pra leão. Daí pensamos num... que tal um horóscopo divertidíssimo, para levantar as baianas e sacudir as calças? Pensamos também nuns cartoons engraçados, nuns classificados... Bem, aqui vão nossos corações pra vocês, estaremos aguardando ansiosamente a resposta desta complicada carta. Não se preocupem, mandaremos o ar de nossas graças sempre que pudermos. Portanto, preparem-se. Aqui vão os beijos das tupiniquetes nas terras de Bebeth,

*Adália e Kátia __ Londres, Inglaterra.*

R. — Ai! Vamos por partes: neste número, Felipe, já inauguramos uma seção intitulada "Ensaios Populares" (é uma homenagem nossa aos bofes histéricos do jornal Movimento: eles se esforçam e a gente goza...). Quanto ao Walter, aí vai a dica: quem distribui LAMPIÃO em Porto Alegre é o Coojornal; descubram o endereço, meninos, e encham o saco do pessoal da distribuidora: vão lá e comprem o jornal diretamente. Façam com que ela saiba que o nosso público é enorme. E vocês, Addy and Katty from London, escrevam quantas vezes quiserem. Já mandamos o n.º 3 com a superbe Norma Bengell pra vocês. Chegou por aí, ou algum fã da Bengell andou interceptando? Respondam. A *seção de classificados já está lançada. O humor está na Bixórdia, como vocês verão quando assinarem o jornal. Beijos mil.*

## Mais gente comum

**Acabo de ler o n.º 7 e resolvi escrever novamente para vocês. Na verdade eu não sei se vocês receberam a primeira carta que mandei o mês passado, mas se estou escrevendo é porque tenho esperanças de que ela chegue em mãos. (...) O jornal está ótimo. Nesse n.º 7 os depoimentos do Darcy e da Consuelo sobre o Dener foram uma coisa muito humana, maravilhosa, tocante mesmo. A reportagem sobre "Mônica Valéria" satisfez um pedido que fiz na 1.ª carta: entrevistas com pessoas comuns, anônimas, não apenas celebridades. Porque essa Mônica Valéria é um alguém a quem amei à primeira vista pelo recato que captei dela: muita garra, muita ânsia de viver dentro da sua condição homossexual sem repressão e sem talvez, uma tremenda lição de vida mesmo.**

**A reportagem sobre o homossexualismo na Argentina, Chile e México foi muito boa, porque o problema é universal, há que lutar contra o machismo e a ignorância em todas as partes.**

**Pra terminar, só uma criticazinha: as fotos da capa, sobre o verão carioca, mereciam ter saído bem nítidas; foi uma pena o estrago que fizeram nelas. Mas tudo bem. Ponham mais amostras masculinas no próximo número, e se possível com calções mais reduzidos. E o artigo de Lutzemberger tá bom.**

**O meu recado final na verdade é um pedido: há uma propaganda na tevê, agora, da TV Philco, se não me engano, em que o mordomo de Iolanda Pratini da novela "Dancing Days" anuncia as qualidades do citado aparelho. Ocorre que esse anúncio está explorando é a bichice gratuita grotesca, o ridículo. É aquela imagem atrevida e inofensiva, bem ao gosto do sistema, prontinha para ser acanalhada. Façam uma coisa: descubram o nome da agência que fez o anúncio e metam-lhe o pau, mandem brasa no anúncio também, ponham a coisa em pratos limpos. Vocês, que têm voz para isso, mostrem que homossexualismo não pode ser palhaçada. Com muito amor,**

**Ana Aparecida — São Paulo.**

R. — Recebemos sua primeira carta, sim, Aninha. E pensamos em você, quando resolvemos publicar o depoimento de "Mônica Valéria": a gente já está de saco cheio de entrevistar artistas, mas a chamada "gente comum" morre de medo de abrir o verbo, o que é compreensível, haja vista a maré que anda por aí. Assim... Pode ficar tranqüila que a gente vai publicar mais fotos descontraídas. Quanto ao anúncio da TV Philco, a gente vai dar uma olhada, mas pra adiantar, aí vai uma dica: estão elogiando muito o ator que faz o mordomo de Yolanda em "Dancing Day's, só porque ele faz a bichona-clichê; a julgar pelo que faz na novela, no entanto, o rapaz, na nossa opinião, é o pior ator do mundo. Falta tudo: "timing", principalmente. Ele chega a ser constrangedor. Enfim, é isso o que os Homens querem: bicha na tevê, tem que ser assim: ridícula. Você não vê Os Trapalhões? As quatro doudas nunca perdem uma chance de fazer um travesti grotesco...

## Em defesa dos bofes

**Lampiônicos, queridos, vamos ao que é sério: Revoltei-me com o LAMPIÃO n.º 7 por dois motivos — a) Shere Hite está certa: os homens realmente deturpam o pensamento e as palavras das mulheres; a prova é tanta que vocês mesmos, Homens, deturparam o que a pobrezinha quis fazer na sua intenção de deixar-se entrevistar por mulheres e, óbvio, mulheres que tenham lido o seu Relatório; afinal, é sobre ele e deve ser sobre ele que ela veio e tem de falar. Guerra é guerra, e é isso aí, dois mil anos de repressão, queridos, dá nisso, às vezes, tem que se inverter o papel até que se encontre o equilíbrio possível. As mulheres têm o direito de não querer ter filhos; o corpo é delas, elas fazem com ele o que quiserem — isso não significa necessariamente que se queira matar crianças, como Herodes (que imagem paupérrima!), afinal, as bichas também não optam, quando conscientes, por não ter filhos?**

**Outra revolta — b) foi a reportagem (!) "Quem resistirá a este verão?"; não quero parecer radical, maniqueísta, mas apesar de eu concordar com o fato de que as fotos são belíssimas — principalmente a de uma bonequinha estendida numa esteira perto de outra sentada numa cadeirinha —, e de que Dimitri é muito gatão, ainda acho que LAMPIÃO direta ou indiretamente fez o que se propôs ao contrário; utilizou homens como objetos sexuais ("nossos modelos não sabiam que estavam sendo fotografados", ai, ai), com uma desculpa tão tola quanto as milhares inventadas por revistas ridículas para mostrarem o bumbum das gatinhas cariocas passeando de bicicleta em Ipanema. Mas isso é uma opinião minha, e sei que meus queridos cúmplices (essa palavra não leva qualquer ressentimento machista) de amor vão me dar vaias.**

Outra reclamação que eu poderia fazer é que **Cartas na Mesa** mais parece Anúncios na Mesa — cês estão diminuindo as cartas, aumentando os anúncios, e esta seção é a melhor, pois visa ao diálogo, não é?

Paulo Emanuel — Salvador.

R. — **Querido Fabíolo Dorô (é ele, sim, pessoal): não é que nós sejamos machistas; mas Shere Hite está para o feminismo assim como Henriette Kisinger está para a paz (quá, quá, quá!). E LAMPIÃO está aqui para isso mesmo: vamos conferir estes mitos e dar nossas opiniões sobre eles. Quanto aos rapazes na praia, nossa intenção foi essa mesma: mostrá-los como objetos sexuais, pois, como diz muito bem a "divine" Zsu Zsu Vieira, "antes eles do que nós". Quando nós mostramos um homem como objeto sexual estamos falando uma linguagem revolucionária, pois, na verdade, estamos dizendo: "olhem aí, bonecos, qualquer um pode ser transformado em bife: basta que outro queira..." Você acha que nós estamos com muito anúncio, é, Fabíolo? Pois olha, para sobreviver LAMPIÃO precisa de muito mais, pois vocês, leitores, têm a péssima mania de ler o jornal e passar adiante, e com isso nós deixamos de vender.**

## Punição para o vigaristinha

**Prezados amigos do LAMPIÃO. Lembram-se de Jorge Luís Pereira, o rapaz que se fingia de cabo fuzileiro naval para conquistar corações na Cinelândia, Central e adjacências, com a intensão de afanar, depois, pequenos objetos de suas conquistas? Vocês falaram sobre ele no n.º 6, na seção Bixórdia. Pois bem, eu fui uma de suas vítimas. Lendo aquela nota, resolvi fazer o que vocês diziam — reagir. Fui à 40a. DP, em Rocha Miranda, contei tudo para os detetives Dídimo dos Santos e José Jacinto da Costa. Eles se interessaram pelo caso, começaram a investigar e — pasmem! — descobriram o boneco, que, para não ser processado, teve que me devolver tudo o que levara. Vejam só: fui muito bem tratado pela polícia, não houve humilhações, nada disso; enquanto Jorge foi tratado como um ladrãozinho vulgar. Vocês é que estão certos: o negócio é reagir contra esse tipo de delinqüente, contra as chantagens, contra as ameaças. Eu fui na onda de vocês e me dei bem. E o Jorgete ficou com uma fichinha na 40a. DP, onde outras de suas vítimas poderão comparecer.**

**B. M. C. Rio.**

# CARTAS NA MESA

## "A toda la estudiantina..."

*Hoje eu descia as escadas da Universidade Gama Filho com um colega, um pouco desmunhecados, talvez, quando cruzamos com um grupo que subia. Alguém gritou "fala grosso pô!" Continuamos nosso caminho até a Secretaria da Escola de Arqui achamos lá o novo número de Enfoque — jornalzinho da UGF. Pois é, justamente neste dia, ironia, Enfoque enunciava que "LAMPIÃO chegou para vencer tabus".*

*Ficamos nós eleitores bem sensibilizados para tal matéria neste dia específico, sem saber qual a opinião de Enfoque sobre LAMPIÃO e seus objetivos, nem como Enfoque vê LAMPIÃO dentro da UGF (isto para não ir mais longe: queremos saber como a UGF vê o homossexual dentro do seu campus). Assim, errou a Sra. Rupak (autora da matéria), (...) uma vez que LAMPIÃO e seus objetivos não são considerados dentro da UGF.*

*Munido de alguma coragem, fiz uma pequena enquete entre meus colegas (dez homens), perguntando sobre o que eles achavam de Enfoque publicar uma matéria sobre LAMPIÃO. Nove foram evasivos, afirmando ser uma boa, para a rapaziada ficar sabendo do assunto, etc... Ou ainda, que um jornal deve tratar de tudo mesmo... Finalmente o último disse ser banal encontrar ali tal artigo. Não que ele fosse contra LAMPIÃO ou os gueis; simplesmente via Enfoque fazer com homossexuais exatamente o mesmo jogo de nossos políticos com relação à liberdade/democracia, etc... Ambos pratos do dia (guardadas as diferenças). Ambos tratados com generosidade, mas de maneira superficial. Nós somos objetos de consumo, é sabido. Mas como se sentem vocês, — veículo serem tratados da mesma forma: generosamente, superficialmente?*

*E.G. — Rio*

**R. — Você já ouviu a música da Violeta Parra (Me gustan los estudiantes, etc)? Pois bem: você acha que Violeta não sabia, ao cantá-los, que os meninos no fundo apenas a consumiam? O problema, E.G., é que todos nós estamos no mesmo e enorme barco, remando, desordenadamente, é verdade, mas na mesma direção. Alguns sabem disso (e Violeta certamente sabia), outros não. Dessa forma, nós do LAMPIÃO remamos, e seus coleguinhas aí remam. Haverá ocasiões em que a gente vai cair de porrada uns em cima dos outros, mas no fim chega todo mundo ao mesmo porto. Dessa forma, a gente não se impressiona com enfoques generosossuperficiais — às vezes, é preciso confessar, a gente precisa deles. O simples fato de a matéria publicada no Enfoque provocar uma reação — sua carta — já nos gratifica.**

*Universitário convicto, perplexo pela ainda vigência do 477, amigo e amante 24 horas por dia vem saudar os ainda esperançosos mas não estáticos e indagar até quando terei que viver cercado pelo pragmatismo. São normas e regras, condutas endeusadas que me enchem o saco. Até aí eu poderia gritar, mais vejo minha gente calada e ainda presa ao nada por nada. Oh, Deus, até quando? (...) Calaram e década de 60, criaram as combatidas discotecas e o número de pessoas apolíticas é assustador. Até aí, quase tudo bem... Acontece, porém, que está havendo uma abundância de ideologias e ninguém mais se entende. Esse excesso de "eu sou mais eu" derruba o mais imbatível dos boxeadores e dá a impressão (?) que o coletivismo já era. Já era ou nunca foi? Queridos esperançosos do LAMPIÃO, esta mensagem é pra vocês, onde estiverem, sós ou with.. Abraços eternos.*

Beto Carvalho - Rio.

*Sou estudante da Faculdade de Medicina de Vassouras e atualmente estou cursando o 1.º ano. Como homossexual honrado e assumido (até certo ponto) que sou, sempre lutei, na medida do meu possível, para levar às pessoas a verdadeira imagem do povo guei. Nunca escondi minha condição, sem, contudo, precisar ser "pintosa" para me assumir nem sair falando para todo mundo de mim. Deixo apenas que as pessoas me notem como sou, sutilmente, impondo, sobretudo, respeito para com a minha pessoa. Ainda mais pelo fato de ser estudante de Medicina é inadmissível que eu mantenha uma conduta indecorosa, pois dando uma de "bicha louca" só iria comprometer minha carreira futura. Vocês não concordam? Sendo assim, agradeço a vocês do LAMPIÃO pelo excelente trabalho que vêm exercendo em prol de nossa valorização. Até que enfim surgiu um jornal consciente e bem elaborado, sem futilidades, para divulgação de nossos ideais. Parabéns! Pela maneira clara, aberta e informal com que vocês expõem seus trabalhos, retratando a realidade como ela é, sem mascará-la.*

*C.A.A. — Vassouras, Estado do Rio*

## Apoio de jornalista

Tenho vários motivos para escrever. O primeiro deles é que esse jornal existe e está me ajudando (e ensinando) a viver. Tenho de agradecer, então. Sou igualmente repórter, igualmente homossexual; o segundo motivo se prende ao fato de que uma publicação dirigida e produzida por jornalistas **de fato**, abordando científica, franca e até humoristicamente os assuntos homossexuais, merece (e nos obriga) a dar o apoio. É o que faço nesse momento.

Sei que posso estar me repetindo, mas confesso que esse jornal é necessário, é vital para mim, para vários de meus amigos, que ainda não o lêem, mas que passarão a fazê-lo (já prometi comprar e distribuir três assinaturas do jornal e o farei o mais rápido possível). Por isso, o terceiro motivo da carta é um pedido: que continuem a editar o jornal, apesar dos obstáculos que eu imagino não sejam poucos nem pequenos

O quarto, o quinto, são tantos os motivos, se tornam difíceis enumerá-los. Eu ficaria na entrevista histórica com Lecy Brandão, se antes já amava o seu canto, a sua poesia, agora a idolatro. E concluo essa carta com os seus versos: "Eu sei, o jogo é duro. Mas o futuro é no presente que começa. Se a gente jogar direito, haverá jeito de poder vender à beça (**Vença**, de Lecy Brandão)."

*Gerson V. — Rio.*

***R.. — Gerson, meu anjo, o que é que você está fazendo, que ainda não nos procurou? LAMPIÃO precisa de colaboradores, "dear". Você tem razão: as dificuldades são enormes, principalmente os problemas de grana. Mas a gente não vai arredar pé. Vamos transformar a Esquina numa editora, vamos publicar livros para o povo guei aguarde, em março, Histórias de Amor, nosso primeiro livro).* Quem desdenha de nós — audácia! — não perde por esperar. Lecy Brandão, além de talentosa, é mulher de muita fibra. Nós a amamos.**

# Madureira by night

É em Madureira que se pode encontrar a maior concentração de homossexuais dos subúrbios do Rio. A condição geográfica de Madureira facilita a existência do fato, pois é através dela que muitos outros bairros menores se comunicam e por onde uma infinidade de linhas de ônibus têm que passar obrigatoriamente. É, portanto, um bairro freqüentado o mais das vezes por pessoas em trânsito, caracterizando assim, uma tansitoriedade e um relativo anonimato de vida que não existe tanto nos outros subúrbios, vizinhos ou não, onde as pessoas são facilmente conhecidas, reconhecidas, se freqüentando mais.

Por um lado, voltando aos homossexuais, o anonimato contribui para aumentar a duração de suas relações em muitos casos pois liberta (paradoxalmente) as pessoas das pressões sociais que o sigilo das relações evita. Por outro lado, a transitoriedade dá uma falsa impressão de descompromisso, tão a gosto dos que resistem em assumir e aceitar com naturalidade a manutenção de relacionamentos sérios, maduros e menos fugazes.

A movimentação naturalmente aumenta, transbordando pelas suas ruas, nos fins de semana. Muitos bares e poucos cinemas superlotam. São as formas de diversão da população local. A falta de variedade, de outros atrativos, a violência crescente e permanente aliados a um poder aquisitivo baixíssimo, limitam e impedem a sua gente de exercitar a criatividade na busca de outras formas de diversão. Corridas de automóvel, os chamados "pegas", em alta velocidade nas quais os motoristas (em geral heterossexuais) disputam como prêmio uma jovem que é apresentada nua à numerosa platéia, enquanto os acompanhantes dos motoristas exibem pelas janelas dos carros suas nádegas, ocorrem em diversos pontos do subúrbio e retratam o nível de tédio e de violência escapista utilizado pela juventude. Vamos provavelmente encontrar daqui a alguns anos esses adolescentes numa perfeita integração social: chefes de família pacatos, trabalhando e produzindo.

Completam as atrações locais um clube onde a gente jovem dança e se exibe, segundo moldes colonialistas dos negros (Black Rio, Black Soul) e dos brancos americanos (Rock e Travolta) e duas Escolas de Samba tradicionais, Portela e Império Serrano, onde samba, cada vez mais raro e menos autêntico, só aparece mesmo a partir de setembro, indo até o Carnaval.

A propósito de carnaval, a história de Madureira registra dois marcos importantes. Foi a partir do enredo da Império Serrano, "Alô, Alô, T'aí Carmen Miranda", em 1972, criado e executado pelo artista Fernando Pinto, que além de dar a última vitória à escola, promoveu uma dose de integração na relação homossexuais-Escolas de Samba.

Tinha acesso à Escola de Samba tradicional (como o caso do Império) por essa época poucas bonecas, mas, principalmente, as bem sucedidas que extravasando suas tendências megalomaníacas, vestiam-se suntuosamente de reis e príncipes durante os desfiles. A escola lucrava com a possibilidade de mostrar um lado luxuoso da História, nem sempre fiel, é bem verdade, enquanto o resto da escola exibia uma contrastante pobreza, fotografia colorida e vestida do lamê da miséria (de que tanto gostam os intelectuais, não é Joãozinho Trinta?). É a partir do enredo "Carmem Miranda" que se abre a inevitável brecha para que, mesmo sob os olhares tímidos, risinhos incomodados e conversas ao pé do ouvido dos freqüentadores, os homossexuais pudessem freqüentar a escola e apresentar suas caricaturas da pequena notável sem precisar do "Status" daqueles que anteriormente se fantasiavam de destaque.

O outro capítulo se escreve com a criação do Bloco das Piranhas. Saindo todo sábado de carnaval pelas principais ruas de Madureira, o bloco cresceu e hoje está difundido pelo carnaval de todo o Rio. Criado e organizado por um jogador de futebol, consite em um grande grupo de heterossexuais que vestidos caricatamente de mulher saem pelas ruas abordando insinuantemente os transuentes e foliões. A princípio apenas formado pelos heterossexuais, que por um lado encontravam uma forma simbólica de agredir a figura feminina com quem também mantinham (e mantêm) relações baseadas em também caricatas e agressivas representações de papéis sociais: o homem forte e despojado, a mulher fraca e emperequetada. Por outro lado, os membros do bloco se aproveitavam da oportunidade oferecida para assumir uma feminilidade recalcada pelos padrões estabelecidos de comportamento masculino, mas modelada num estereótipo cheio de batom, pó de arroz e ai-ais. Com o tempo, muitos homossexuais se utilizaram do artifício para poderem dar vazão aos mesmos mecanismos com a idêntica vantagem da racionalização... afinal era carnaval.

No entanto, antes da ressurreição de Carmem, Miranda em verde e branco e antes das cínicas piranhas invadiram as ruas no carnaval, Madureira era palco por volta de 1968 de um episódio representativo, mas cujo registro limitara-se aos bastidores: na Rua Almerinda Freitas, um Bar, o Dom Garcia, recém inaugurado, começava a ser visitado por homossexuais ávidos de um local onde pudessem se encontrar, beber e conversar mais à vontade. A localização reservada favorecia a atração e o grupo aumentava. Até que alguns leões-de-chácaras ameaçados pela inconveniência da clientela e incentivados por uma bicha engajada, segundo versão das vítimas, espancaram em uma noite os integrantes do grupo, abrindo excessão a um deles apenas, advogado, e temerosos de uma possível reação policial. O bar, mais tarde descobrira-se, era também utilizado para jogatina clandestina. Estranha, muito estranha moralidade essa...

Um outro pequeno grupo reunia-se à mesma época para a edição de um jornalzinho undergruond rodado em memiógrafo: "O Subúrbio à noite". Promoviam acontecimentos mundanos e festinhas particulares e publicavam notícias a respeito. Todos utilizavam pseudônimos femininos para identificação: Anita Chambarelli, Ana Karina Berg, Sussu Grelot Papelote, Natalie Leblon Pussy, Melina Taylor e Anete Vale. Os redatores, além do jornal de qualidades literárias discutíveis, realizavam concuros de **miss**, escolhendo "as mais elegantes, belas e simpáticas". Os tempos mudaram, os sonhos acabaram e com eles o jornalzinho. Mas historicamente ele representou a primeira tentativa de divulgação e promoção de toda uma classe (?) alienada de sua verdadeira condição.

Atualmente não se encontra em Madureira nem tampouco em suas redondezas, lugares fechados como as boates da Zona Sul e da Barra, nem as saunas famosas por condescendentes, nem as hospedarias, todos de freqüência nitidamente homossexual. Assim, na ausência de tais lugares, o **gay people** local tem que escolher (e enfrentar) os locais onde existe o risco da rejeição e de abordagens mais diretamente agressivas, ou procurar pelas esquinas, conhecimentos em que haja afinidades. O banheiro público do Shopping Center de Madureira é um exemplo, frequentado vinte e quatro horas por dia preferencialmente por bonecas que por lá passam rapidamente ou permanecem numa obsessividade que chega a horas. Alguns afirmam terem testemunhado diversas situações envolvendo agressões de turmas de rapazes às bichas que por lá transitam. Contam ainda que os rapazes geralmente agem sob a influência de um ou dois outros enrustidos que reqüentam um **fliperama** próximo e constantemente adulam os mesmos rapazes com brindes, não, contudo, sem receber em troca determinados favores.

Há ainda um cinema poeira, o Madureira, versão mais branda dos conhecidos Íris e S. José, onde o pessoal, vindo de toda parte do Rio, se encontra e circula, mas nunca para assistir os indefectíveis Kung Fus e BangBangs. O cinema Madureirinha Zero (como é intimamente chamado) se constitui no herdeiro natural do não menos famoso cinema Alfa. Hoje, no lugar deste, existe uma sapataria.

Seria difícil precisar em que medida as pessoas preferem um samba, um passeio a pé pela Rua Carolina Machado à procura de companheiros ou tomar seu chopp e até dançar (separados, é claro) no Bar Timoneiro, próximo ao Viaduto Negrão de Lima, onde existe uma relativa tranqüilidade. Mas, em todos os lugares de Madureira, em cada canto, em cada um de seus bares, há sempre muitas histórias envolvendo seus homossexuais: às vezes engraçadas, outras nem tanto. Tem o caso daquele que brigou com uma escola de samba inteira, transformando sua apresentação na Avenida Rio Branco num desfile patético e contundente.

Ou a história daquele que, morando na Tijuca, não largava o pé de Madureira. Dizia trabalhar na TV Globo e atraía para seu fusca azul um grupo de rapazes através de um providencial e infalível pratinho de empadas e salgadinhos guardado no porta-luvas, fazendo-os salivar tal e qual Pavlov fizera aos cãezinhos. Uma realidade tipicamente fisiológica, pois não é pela boca que se mata o peixe?

Entretanto, apesar da existência dos exemplos marginais e das figuras estereotipadas, pode-se encontrar em Madureira os homossexuais mais socialmente integrados, furando bloqueios e barreiras, participando, mesmo à custa de concessões em sua natureza, mesmo à custa de violência veladas ou declaradas, do meio social que os cerca e do qual fazem parte. Em outras palavras, como dizia Raul Seixas, se esforçando para serem **sujeitos normais.** Resta saber se vale a pena optar por essa normalidade na medida em que a atitude homossexual representaria justamente uma oposição a formas viciadas, decadentes, hipócritas mesmo, de comportamento social. Não é mudando o **glacê** do bolo que ele vai deixar de estar estragado, como não é integrando o homossexual à sociedade que ela vai deixar de apodrecer.

**Roberto Xis**

# Um bar brilha na escuridão

**O Bar Timoneiro, que na geografia de Madureira mereceria a localização destinada aos "Países Baixos" (quer dizer, aqueles onde acontece de tudo), tem na verdade duas faces. A primeira, está normalmente exposta aos olhos do público durante o dia, com ligeira incrementação na primeira parte da noite. É a face** normal, **hetero, de casais a trocar beijinhos sem compromisso, a roçar suas inocentes mãozinhas entrelaçadas diante do geladíssimo copo de chope. Esta face o bar a expõe até às 23 horas, quando as moças, cinderelas do subúrbio, olham todas para o relógio e se levantam praticamente ao mesmo tempo, preocupadas em não perder o sapatinho de cristal porque, em matéria de príncipe encantado, Madureira, como o resto da cidade — e do país — está muito carente.**

**Com a saída das moças, o bar assume a sua outra face. A essa altura, numa mesa qualquer, um grupo de rapazes, que durante as primeiras horas da noite dispensou a presença das moças, começa a parecer menos exótico — afinal de contas, o bar, depois das 23h, é um território puramente masculino, são poucas as donzelas que lá ainda circulam. É então que a coisa pega fogo. Na parte mais escura do bar, os rapazes da tal** mesa qualquer **dão início às suas evoluções, ao som dos mais recentes — e meteóricos — sucessos** discothèque. **E os demais rapazes não se fazem de rogados — aderem à doce folia, travolteando incessantemente pelo salão.**

**O local é pequeno, porém, acomoda a todos os que desejam se divertir. Luzes vermelhas piscam que piscam nas músicas mais incrementadas, e os "uh-uh-uh", gritinhos por todos, numa descontração de dar gosto. A idéia geral parece ser a seguinte: rebolar faz bem à saúde mental e deixa o corpo em forma. Portanto, rebolai! E a noite do Timoneiro fica agradabilíssima, com toda aquela gente do sexo masculino a se atropelar no exíguo salão, a repetir o infindável monólogo dos "uh-uh-uh" gritadinhos.**

**A fiscalizar o ambiente, uma figura típica de Madureira: o popular Samuel, que nada tem a ver com o bar, embora pareça seu relações públicas; é que a ele agrada a saudável liberação a que os freqüentadores do bar se entregam madrugada a dentro, e ele faz o possível para ajudar a mantê-la. Menos preocupado com fiscalizações, mais igualmente notável dentro da hierarquia do bar, Adalberto Sampaio (cuidado, Joãozinho Trinta!), responsável pelo enredo da Escola de Samba União da Ilha (quem não se lembra do seu** Domingo, **ano passado?), circula ininterruptamente, sumindo misteriosamente às vezes para trazer — cada vez que volta — notícias extravagantes e surrealistas de fatos testemunhados por ele nas proximidades do Viaduto Negrão de Lima.**

**De vez em quando, o inesperado. Num sábado, um rapaz que rebolara freneticamente durante uma meia hora, teve uma súbita crise de arrependimento: sacou de um revólver e deu três tiros para o ar. Expulso do bar como** persona non grata, **no dia seguinte, no entanto, ele lá estava, a pedir uma nova chance: queria começar tudo de novo, e na pista de danças. "Dessa vez — proclamava —, sem ataque de remorsos."**

**Mas isso existe mesmo? Claro! Um pouco na imaginação dos freqüentadores da parte mais noturna do Timoneiro, que lá vão dispostos a fabricar de qualquer maneira o mundo que mais lhes convém (existe nada mais bonito e positivo que isso, essa forma do esforço humano?). Mas um pouco, também, na imaginação noturna da própria Madureira, em cujos lares, no aconchego de suas camas, é quase certo que muita gente pense, quando é preciso continuar apesar da rotina e do tédio: "Nem tudo está perdido. Afinal, o Timoneiro existe..."**

**Adão Acosta**